



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MÁRCIA MARIA PINHEIRO DE SOUSA CASTRO

**HISTÓRIA DE VIDA E ITINERÂNCIAS FORMATIVAS DE UMA ESTUDANTE
NEGRA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MOSSORÓ/RN

2023

MÁRCIA MARIA PINHEIRO DE SOUSA CASTRO

**HISTÓRIA DE VIDA E ITINERÂNCIAS FORMATIVAS DE UMA ESTUDANTE
NEGRA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Erimar dos Santos.

MOSSORÓ/RN

2023

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Pc355 Pinheiro de Sousa Castro, Márcia Maria.
h HISTÓRIA DE VIDA E ITINERÂNCIAS
FORMATIVAS DE UMA ESTUDANTE NEGRA NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO / Márcia Maria Pinheiro
de Sousa Castro. - 2023.
89 f. : il.

Orientador: José Erimar dos Santos.
Monografia (graduação) - Universidade
Federal Rural do Semi-Árido, Curso de
Educação do Campo, 2023.

1. História de vida.. 2. Estudante
negra.. 3. Educação do campo. I. dos
Santos, José Erimar, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade

MÁRCIA MARIA PINHEIRO DE SOUSA CASTRO

**HISTÓRIA DE VIDA E ITINERÂNCIAS FORMATIVAS DE UMA ESTUDANTE
NEGRA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 6 /10 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Erimar dos Santos (UFERSA)
Presidente

Profa. Dra. Ady Canário de Souza Estevão (UFERSA)
Membro Examinadora

Prof. Ms. Núzia Roberta Lima (UNP)
Membro Examinadora

*A meus filhos Raphaela Katherine Pinheiro de Sousa,
Pablo Kaue Pinheiro Sousa, Pietro Luiz Pinheiro Sousa,
Pablo Germano Pinheiro de Castro e ao meu esposo
Antônio Francisco de Castro, por estarem comigo, pelo
amor e compreensão na ausência*

*Dedico a meu primo Maurício Barbosa Pinto por tudo
que fez por mim!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida. À minha madrinha de crisma Sônia Maria, por ter me acolhido além da sala de aula e tornado minha progenitora; ao meu pai Luiz Francisco Silvério de Souza (*in memoriam*), a minha genitora (*in memoriam*) pela dor a mim causada, pois, dessas dores me refiz sujeita de superações.

Agradeço a todos os docentes do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC) da UFERSA-Mossoró, por me proporcionarem todos os dias um novo aprendizado.

Agradeço à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, por buscarem formas para a permanência de mulheres pretas, mães, residentes do campo na permanência na universidade para obtenção muitas vezes da primeira formação acadêmica.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. José Erimar, por aceitar o desafio de me orientar nessa reta final em curto tempo a ele proposto, por seu carinho e atenção que sempre me dedicou, não só como orientador, mas durante meu percurso dentro da Universidade e em outros âmbitos promovedores de conhecimentos.

Agradeço aos meus amigos “Maria Aparecida Pinheiro (agente de Saúde-MG), Maria José Figueiredo, Maria José Pinheiro (Barraca da Maizé-MG), Eva Neri(ASG-MG), Vaninha (ASG-MG), Ana Cristinna Malta (Assistente Social-MG), Merileia Rodrigues (ASG-MG), Rosilaine Geralda do Patrocínio Ferreira (Professora-MG), Sebastião Silva Borges (o rei do forró-MG(*in memoriam*), Roselando Joaquim Patrocínio (pastor do rock) Marcus Vinícios Silva de Assunção por terem me acolhido de alguma forma em especial no meu e em todos os momentos da minha coexistência em Prados/MG. A minha tia Alvannir Cordeiro (*in memoriam*), meu primo Maurício Silva.

Agradeço aos colegas Erinaldo, Aline, Pollyana, Hugo, Daureniza e Anna Kalline por fazerem parte dos meus dias. Agradeço em especial aos amigos Diego Maia, Marília, Arthur, Jussara por me apoiarem nos dias difíceis que passei na UFERSA e nesse isolamento social, ao perceberem que nas postagens “eu não estava bem” e na hora que mais precisei, vocês se uniram e lutaram por mim; por me dedicarem amor e atenção, me acolheram com abraços sem julgamentos. Ao amigo Mestrando Josiel por fazer parte dessa reta final. Muitíssimo obrigada!

“O que fazemos quando narramos nossa história? Coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa existência, damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos”.

(DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 56).

RESUMO

As pesquisas que utilizam a metodologia (auto) biográfica, originada das histórias de vida, têm crescido expressivamente no âmbito acadêmico. Na área educacional, esse método tem sido amplamente utilizado por pesquisadores. Diante disso, o objetivo deste trabalho é compreender a importância que as histórias de vida e as itinerâncias formativas de uma estudante negra na Educação do Campo têm para a narradora enquanto educadora em formação inicial docente. Para isso, foi realizado um relato (auto) biográfico das minhas vivências, utilizando registros pessoais, bem como uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e explicativa, por meio da consulta de artigos e outros materiais científicos nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico onde é apontado alguns autores como; Gil (2002), Souza (2007), Prado e Soligo (2007), Bragança (2012), Delory-Momberger (2011), Bondía (2002) e Passeggi (2014). Os resultados indicaram que a trajetória da estudante foi influenciada por fatores históricos, culturais, sociais e econômicos, destacando-se a experiência de ser proveniente do campo como um dos fatores que permearam todas as suas vivências. As itinerâncias formativas vivenciadas ao longo de sua trajetória foram cruciais para a sua formação como educadora, permitindo o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva sobre a realidade social, bem como a compreensão das demandas e necessidades das comunidades rurais. Os resultados obtidos da pesquisa foram, portanto, que as histórias de vida e as itinerâncias formativas são elementos fundamentais para a formação inicial docente em contextos rurais, permitindo uma formação mais ampla e contextualizada. Ao narrar minha própria história, contribuo para a construção de uma reflexão mais profunda sobre a Educação do Campo e a formação de professores para atuarem nesse contexto. Por fim, ressalta-se a importância do uso da metodologia (auto) biográfica como uma ferramenta valiosa para a pesquisa educacional, permitindo um olhar mais sensível e humano sobre a formação docente.

Palavras-chave: História de vida. Estudante negra. Educação do Campo.

ABSTRACT

Research using the (auto)biographical method, based on life stories, has grown significantly in the academic field. In the field of education, this method has been widely used by researchers. The purpose of this study is to understand the meaning of a black student's life stories and formative journeys in rural education for the narrator as an educator in initial teacher education. For this purpose, an (auto)biographical account of my experiences was carried out, using personal records, as well as a bibliographical, qualitative and explanatory research, consulting articles and other scientific materials in the SciELO and Google Scholar databases, where some authors are pointed out, such as; Gil (2002), Souza (2007), Prado and Soligo (2007), Bragança (2012), Delory-Momberger (2011), Bondía (2002) and Passeggi (2014). The results show that the student's trajectory was influenced by historical, cultural, social and economic factors, with the experience of coming from the countryside standing out as one of the factors that permeated all her experiences. The formative itinerancies she experienced throughout her career were crucial to her training as an educator, allowing her to develop a critical and reflective view of social reality, as well as an understanding of the demands and needs of rural communities. The results of the research, therefore, were that life stories and formative journeys are fundamental elements of initial teacher education in rural contexts, allowing for a broader and more contextualized education. By telling my own story, I contribute to a deeper reflection on rural education and the training of teachers to work in this context. Finally, I would like to highlight the importance of using the (auto)biographical methodology as a valuable tool for educational research, allowing for a more sensitive and humane view of teacher education.

Keywords: Life story. Black student. Rural Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Márcia Maria Pinheiro de Sousa Castro	30
Figura2 - Batizado da autora na Capela Nossa Senhora. de Aparecida no bairro Redenção.....	34
Figura 3 - Crisma da autora	34
Figura 4 - Imagem parte da comunidade de Areias Alvas-Grossos.....	40
Figura 5 - Imagem aérea da comunidade com visão do mar	40
Figura 6 - Imagem da autora na quadrilha junina	47
Figura 7 - Construção didática para a microaula.....	64
Figura 8 - Registro do dia da apresentação no I Congresso Latino-Americano de Geografia.....	65
Figura 9 - Apresentação do projeto de intervenção na socialização da LEDOC	66
Figura 10 - Cartaz elaborado por um aluno	66
Figura 11 - Registro didático da microaula na semana de socialização da LEDOC.....	67
Figura 12 - Imagem de uma aula de campo em Angicos	70
Figura 13 - Registro da moradia de uma senhora sem nem um recurso humano.....	72
Figura 14 - Publicação do livro criado por crianças	73
Figura 15 - Construção dos canteiros no (Projeto Realizando Sonho)	73
Figura16- Exato momento em que o projeto de intervenção do estágio II foi interrompido.....	75
Figura 17 - Material didático (ludo)	76
Figura 18 - Material didático (dama humana)	76
Figura 19 - Momento metodológico aplicado no 6º ano.....	77
Figura 20 - Registro do último encontro do Programa Residência Pedagógica.....	81

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do Município de Mossoró/RN.....	31
Mapa 2 - Localização do Município de São João Del-Rei.....	50
Mapa 3 - Localização do município de Prados/MG.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASG	Auxiliar de Serviços Gerais
CESEC	Centro Estadual de Educação Continuada Professor José Américo da Costa
DR	Doutor
LEDOC	Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
PPC/LEDOC	Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo/UFERSA
RN	Rio Grande do Norte
SR	Senhor
SIFEDOC	Seminário Internacional de Educação do Campo, das Águas e das Florestas: desvendar, lutar e transformar.
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFSJ	Universidade Federal de São João Del Rei

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	20
2.1 Classificação da Pesquisa	20
2.2 Procedimentos da Pesquisa.....	20
2.3 Levantamento Bibliográfico	20
2.4 Levantamento Documental	21
2.5 Análise dos Dados.....	21
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DIALOGANDO COM TEORIA E PRÁTICA (AUTO)BIAGRAFICA	23
4 QUE MULHER NEGRA É ESSA?: RELATO AUTOBIOGRÁFICO.....	30
4.1 Que marcas tua alma e seu corpo negro não esquecem?	35
4.2 Que campo é esse que teu “eu” habita?.....	38
5 MEMÓRIAS DOS TEMPOS EDUCACIONAIS: A FORMAÇÃO EDUCACIONAL FUNDAMENTAL E MÉDIA.....	42
6.1 Minha infância no espaço escolar nos anos iniciais.....	42
6.2 A educação incide no continuar: Ensino Fundamental Anos Finais	46
6.3 O contexto histórico do Ensino Médio	48
6 CONTOS DE UMA (AUTO)BIOGRAFIA EM OUTRA REGIÃO (SUDESTE): REFLEXÕES DE ITINERÂNCIAS DE VIDA PESSOAL.....	49
5.1 São João Del Rei: histórias e encantos.....	49
5.2 Prados: cidade que em mim habita.....	50
7 ITINERÁRIO DE UMA ESTUDANTE NEGRA NO CUROS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFERSA	54
7.1 O que me motivou ingressar em um curso superior?.....	54
7.2 Contexto Institucional.....	57
7.3 Educação do Campo biograficamente em múltiplas ocasiões.....	62
7.3.1 Educadores na teoria e prática metodológica.....	62
7.3.2 Aulas de Campo.....	68
8 PROCESSOS FORMATIVOS EM ESTÁGIOS (LEDOC) E PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (CAPES).....	71
8.1 Estágios Curriculares Supervisionados - comunidade: Projeto Realizando Sonhos Grossos/RN.....	71
8.2 Estágio Curricular Supervisionado II - EJA: Escola Municipal Professor José Deodato Grossos/ RN.....	74
8.3 Estágios Curricular Supervisionado III - gestão e docência: Escola Municipal São José Grossos/RN.....	77
8.4 Estágios Curricular Supervisionado IV - gestão e docência: Escola Estadual Coronel Solon Grossos/RN.....	79
8.5 Programa Residências Pedagógica.....	80

CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	85

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se trata de uma pesquisa (auto) biográfica, onde descrevo a minha história de vida e itinerâncias formativas enquanto uma estudante negra na Educação do Campo. De acordo com minhas escritas foram surgindo algumas dificuldades para realização dessa pesquisa. Diante disso, descrevo que, para início foram surgindo às primeiras dificuldades a serem enfrentadas, na totalidade em forma de questionamentos tais como: O que é uma narrativa? O que é (auto) Biografia? O que escrever nesse tipo de pesquisa? Ainda diante desses questionamentos destaco que foram surgindo outros durante toda a escrita, pois se trata de um mundo novo, por se tratar de me descrever através das minhas memórias.

Uma segunda dificuldade foi: o que vou relatar de mim? Como vou proceder com minhas histórias construídas ao longo dos anos? Como vou contar sem evidenciar o/outros sujeitos que fazem parte desse processo? Como vou descrever para da veracidade a essa pesquisa desde as escolhas de autores/as, de documentos pessoais a outros procedimentos para se perpetrar a relevância nessa pesquisa?

Deste modo, como autora dessa pesquisa destaco que a maior dificuldade encontrada foi falar de “si”, nesse contar e relembrar as experiências de cada momento. Foi em lágrimas, que minha escrita foi edificando essa pesquisa. Então, a cada momento vivido e descrito, foram mudando também minha percepção daqueles momentos e desse tipo de trabalho nunca conhecido anteriormente.

Um trabalho voltado a falar sobre o “eu”, tornou-se uma ferramenta ou meio de desabafo de assuntos presos em minhas lembranças, aqui vêm sendo descrito e restritos a uma história que deixou marcas seja ela boa ou não, e que diante a oportunidade desse tipo de pesquisa, vem também o desabafo de uma História presa por muito tempo apenas nas lembranças e que hoje posso contar e recontar já que não sinto do mesmo modo vergonhoso, e sei, que ainda guardo coisas agravantes, contudo, quem sabe, em outra oportunidade, serei capaz de contá-las. (Relatos da autora, 2023).

Nessa discussão coexistente dentro dessa pesquisa em torno da minha (auto) biográfica, também, são realizadas ressalvas sobre momentos vivenciados por mim dentro do curso de Educação do Campo que vem sendo apontado no parágrafo anterior e no descrever do texto, tais como: os estágios, as aulas de campo, o Programas de Residência Pedagógica, além, de alguns outros momentos como os eventos, aulas, microaulas e as oportunidades

vivenciadas durante o período de pandemia como resultados dos frutos desse percurso na universidade e no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

O trabalho tem como ênfase da pesquisa a seguinte questão-problema: “Qual a importância que histórias de vida e itinerâncias formativas de uma mulher negra na Educação do Campo têm para a mesma enquanto educadora do campo em formação inicial?”. Refletindo de acordo com o problema, delimitamos os seguintes objetivos, o objetivo geral busca compreender a importância que histórias de vida e itinerâncias formativas de uma estudante negra na Educação do Campo têm para a narradora enquanto educadora em formação inicial docente. Os objetivos específicos são: 1) narrar a trajetória e as experiências pessoais, profissionais e educacionais que marcam o objeto da pesquisa “eu”; 2) investigar os fatores que representaram grande marcos na trajetória do eu; 3) refletir sobre as mudanças que ocorreram durante este percurso; 4) compreender a importância dessas narrativas para o desenvolvimento profissional da educanda enquanto profissional em formação inicial docente.

A metodologia centra-se numa abordagem qualitativa, fundamentada no gênero literário (auto) biográfico de (memórias) da autora, a pesquisa se ampara em análise documental, história oral, fotografias e registros pessoal que sustentam a veracidade e, teoricamente, traz autores que dialogam com sua pesquisa.

Para tanto, adotou-se a pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Gil (2002), é o desenvolvimento teórico desenvolvido a partir da leitura de livros, dissertações e teses, artigos científicos dispostos em periódicos, anais de encontro científico e obras de referência.

Tomando como base na revisão de literatura nacional e internacional, foram utilizados os bancos de dados SCIELO e Google Acadêmico, abordando os descritores relacionados ao tema sobre o trabalho, como ênfase, as minhas memórias, as quais levaram à construção de capítulos e subtítulos em meio à introdução e conclusão.

Por fim, os descritores utilizados para a busca e seleção dos materiais foram: “narrativa de formação” e “narração de histórias pessoais para a formação acadêmica”. Os critérios de inclusão foram: artigos disponibilizados nos idiomas português e inglês, completos e disponíveis de forma gratuita nas bases citadas anteriormente. A respeito do percurso temporal dos artigos selecionados, notou-se que os estudos recentes sobre essa temática são escassos e, portanto, optou-se por selecionar textos a partir do ano de 1986 até o presente momento, correspondente ao ano de 2023.

Nesse inciso destacamos alguns autores que fazem parte da escrita de base dessa pesquisa como: Gil (2002), Souza (2007), Prado e Soligo (2007), Bragança (2012), Delory-Momberger (2011), Bondía (2002) e Passeggi (2014).

Muitos estudantes de universidades públicas vêm de diferentes e variadas experiências; enfrentam desafios e possuem sonhos que os motivam a buscar o ensino superior. No entanto, essas histórias são frequentemente esquecidas ou não consideradas quando se trata de pesquisa acadêmica. Esta pesquisa pretende preencher essa lacuna, gerando conhecimento e compreensão sobre o processo de ingresso ao ensino superior partindo de uma estudante negra na Educação do Campo.

A escolha por esse estudo partiu da construção de um trabalho avaliativo realizado em uma disciplina ministrada pela docente Núzia Roberta, que nos proporcionou uma escrita de um memorial acadêmico¹, foi aqui o meu primeiro contato com essa escrita sobre o *si*, *mas*, quando cursei a disciplina Metodologia do Ensino da História com a docente Kyara Maria de Almeida e a disciplina Metodologia do Ensino de Geografia com o professor Dr. José Erimar dos Santos reforçou o pensar para construção desse Trabalho de Conclusão de Curso. Todas as disciplinas propuseram um método avaliativo no qual foi possível falar sobre *si*. Por abordar uma pesquisa (auto) biográfica, levando a uma compreensão da valorização que têm as vivências e a força da narrativa do sujeito, foi descrito um subprojeto em busca da contemplação final do Trabalho de Conclusão de Curso. Para Bragança (2012, p. 33), “o trabalho com as histórias de vida vem como possibilidade de contraposição aos movimentos de aceleração da vida, da formação [...]”.

Por esse motivo, se fez a escolha do método (auto) biográfico por possibilitar narrar às experiências e trajetórias, destacando as marcas e superações e objetivando uma reflexão e um novo aprendizado que proporcione não só a mim como autora da escrita e da experiências, mas também ao leitor um novo olhar sobre a vida pessoal contida nessa narrativa e nos seus processos. Além disso, buscando investigar como se deram os seus percursos educacionais até o ingressar na Universidade Federal Rural do Semi-Árido por meio das descrições de momentos vivenciados e superados nesse percurso.

Destacamos assim, a importância de se estudar sobre o método (auto) biográfico, visto que as narrativas de estudantes, suas vivências e experiências no contexto educacional e no transcorrer das escritas podem estar presentes ações e situações que necessitam de reflexões importantes ao processo formativo docente.

Esta linha temática é relevante visto que mostra todo o percurso educacional, pessoal e profissional da pesquisadora, evidenciando sua trajetória de vida e as dificuldades enfrentadas e conquistas alcançadas nesses diversos campos que se compõe de uma realidade presente no

¹- De acordo com Passeggi e Souza (2008, p. 120), o memorial “é um gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional [...]”.

cotidiano de distintas histórias. Desta forma, é de suma importância estudar esta temática, para que, assim como diversas outras obras anteriores e posteriores a essa, possam continuar perpetuando sobre a relevância que as narrativas (auto) biográficas têm para a vida dos sujeitos.

A relevância dessa pesquisa designa no autoconhecimento da própria narradora (si), na importância da vida narrada e nas informações nela contida, pois, o sujeito/a da narrativa passa ainda por processo de superação diária. Realizar um trabalho dessa natureza é de suma importância, e é nessa “construção orientada, que se traduz no romance de formação como um efeito estético [...] e responde a uma intenção didática (trata-se de instruir o leitor com relação à sua própria vida), vai se transportar para o modelo de narrativa biográfica da modernidade” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 338). Além disso, conforme ressalta Reis (2008, p. 20) “as narrativas, apesar do distanciamento de quem as lê e analisa, permitem a aproximação dos leitores por um mecanismo de identificação com as situações descritas.”

O método de investigação utilizado para a construção dessa pesquisa, o método (auto) biográfico, passou por mudanças ao longo do tempo, como é pontado por Medeiros e Aguiar (2018, p. 151), ao explanarem que isso se deve ao seu caráter dinâmico e evolutivo – por uma série de tensões, “[...] que se enderecem para a pluralidade de tendências, de temáticas e de procedimentos metodológicos [...]”. Sabe-se que, desde a década de 1990, o método (auto) biográfico vem sendo frequente nas pesquisas referentes à Educação. É, portanto, um processo contínuo em uma produção recíproca, e são nesse processo de construção que são repassadas as experiências apontadas pela pesquisa (auto) biográfica de **HISTÓRIA DE VIDA E ITINERÂNCIAS FORMATIVAS DE UMA ESTUDANTE NEGRA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**. Desta forma Bell Hooks (2021, p. 25) descreve que “Toda vez que uma mulher [...] por volta dos quarenta anos introduz na conversa a questão [...]” do que lhe foi experiência durante seu processo de vida, das suas itinerâncias não somente na formação, mas em todos os aspectos. Se essa for uma mulher negra “[...] Ninguém pensa que ela está apenas intelectualmente interessada no assunto. Ninguém pensa que ela está rigorosamente envolvida numa empreitada filosófica na qual está se aventurando a entender o significado [...]” (Bell Hooks, 2021, p. 25). Significado de sua história, de suas experiências, da pesquisa, da importância que tem na sua vida pessoal e acadêmica partindo de uma narrativa de uma estudante negra.

Assim, a construção desse texto traz apontamentos sobre abordagem social e as consequências que são resultantes na vida desse sujeito antes de ingressar em uma universidade pública, com objetivo de propor uma reflexão, pois assim como afirma

Wiercinski (2014), com uma história autorreferencial cheia de significado, o sujeito se revela para si, e se revela para os outros. Ou seja, esta pesquisa propõe trazer reflexões entorno da trajetória educacional da pesquisadora, deste modo, revelando para si mesma e para o leitor, demonstrando ao longo desta narrativa as dificuldades enfrentadas e as conquistas adquiridas ao longo do processo educacional, pessoal e profissional de uma mulher (estudante) negra.

Como plano de escrita do trabalho de conclusão de curso, estruturamos a pesquisa em seções em meio à introdução e conclusão. A introdução apresenta uma visão geral do trabalho. O segundo capítulo descreve os materiais e métodos utilizados na pesquisa, incluindo a classificação da pesquisa, os procedimentos da pesquisa, o levantamento bibliográfico, o levantamento documental e a análise dos dados. O terceiro capítulo apresenta uma fundamentação teórica que dialoga com a teoria e a prática autobiográfica. O capítulo quatro é dedicado ao relato autobiográfico sobre a vida de uma mulher preta e as marcas em seu corpo e alma. O capítulo cinco aborda as memórias da autora sobre seus tempos educacionais, desde sua infância até o ensino médio. O capítulo seis apresenta reflexões autobiográficas sobre as itinerâncias de vida pessoal em duas cidades do sudeste do país. O capítulo sete descreve a formação educacional superior da autora, incluindo sua motivação para ingressar em um curso superior, o contexto institucional, a Educação do Campo. O capítulo oito é descrito em torno dos estágios (LEDOC) e do Programa de Residência Pedagógica (CAPES)². Ademais, o trabalho conclui com considerações finais e uma lista de referências bibliográficas.

² - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. É um órgão do Governo Federal do Brasil, ligado ao Ministério da Educação. Disponível em> <https://tuiuati.edu.br/blog/-que-e-capes/>. Acesso 12/10/2023.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Nesse capítulo delinearíamos os materiais e os métodos adotados na pesquisa divididos em subcapítulos: Classificação da Pesquisa, Procedimentos da Pesquisa, Levantamento Bibliográfico, Levantamento Documental e Análise dos Dados.

2.1 Classificação da Pesquisa

Se trata de uma pesquisa trabalhada em uma abordagem qualitativa e explicativa fundamentada no gênero literário (auto)biográfico e de memórias da autora, buscando compreender e alcançar respostas sobre qual a importância que histórias de vida e itinerâncias formativas de uma mulher negra na Educação do Campo tem enquanto educadora do campo em formação inicial.

2.2 Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa se ampara em análise documental, história oral, fotografias e registros pessoal que sustentam a veracidade e, teoricamente, traz autores que dialogam com sua pesquisa. Para tanto, adotou-se a pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Gil (2002), é o desenvolvimento teórico desenvolvido a partir da leitura de livros, dissertações e teses, artigos periódicos, anais de encontro científico e obras de referência, seguida de análises dos registros orais da autora do trabalho.

2.3 Levantamento Bibliográfico

Tomando como base na revisão de literatura nacional e internacional, utilizando os bancos de dados SCIELO e Google Acadêmico, abordando os descritores relacionados ao tema sobre o trabalho tem, como ênfase, as memórias, as quais levaram à construção de capítulos e subtítulos em meio à introdução e conclusão do qual através das informações obtidas foi possível compreender as informações como orientações. Por fim, os descritores utilizados para a busca e seleção dos materiais foram: “narrativa de formação” e “narrativa de histórias pessoais para a formação acadêmica”. Os critérios de inclusão foram: artigos

disponibilizados nos idiomas português e inglês, completos e disponíveis de forma gratuita nas bases citadas anteriormente. A respeito do percurso temporal dos artigos selecionados, notou-se que os estudos recentes sobre essa temática são escassos e, portanto, optou-se por selecionar textos a partir de 1986 até o presente momento, correspondente ao ano de 2023.

Ademais, os materiais utilizados foram livros, capítulos de livros de demais materiais acadêmicos acessados na Biblioteca Orlando Teixeira da UFERSA e em sites da internet. De posse desses materiais foram feitas leituras, resumos e fichamentos de modo a sistematizar as informações e poder trabalhá-las nos resultados e discussões no decorrer do trabalho.

2.4 Levantamento Documental

“A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.”. (FONSECA, 2002, p. 32).

Refletindo essa perspectiva de diversidade de fontes de pesquisa foi realizada uma busca por arquivos de fotografias que deram veracidade a momentos narrados. A investigação foi realizada em álbuns antigos pertencentes à autora, mas, que se encontravam em mãos de outros sujeitos no que dificultou a pesquisa. Além disso, foi usado escaneamentos de documentos que confirmaram o tempo para conclusão do período educacional desde o Ensino Fundamental Anos Iniciais até o Ensino Médio da autora. Utilizou-se de mapeamento dos estados narrados com finalidade de traçar na pesquisa um maior esclarecimento dos momentos vivenciados e narrados.

Dessa forma, foi realizado um levantamento de arquivos fotográficos pessoal da autora com propósito de legitimar as itinerâncias formativas e os relatos de vida pessoais da autora, dentre elas as narrativas de aulas de campo, estágios, Programa de Residência Pedagógica e momentos distintos dentro da UFERSA, e nessa busca por corroborar na pesquisa foi feito uso de certificados de momentos vivenciados e apontados dentro da pesquisa.

2.5 Análise dos Dados

Com base nos dados coletados, foi possível fazer uma análise comparativa entre as práticas pedagógicas vivenciadas por mim e as teorias educacionais estudadas na literatura. A partir disso, buscou-se identificar pontos de convergência e divergência entre as práticas e

teorias, bem como compreender de que forma a minha formação educacional foi influenciada por diferentes contextos históricos e sociais. Buscando identificar temas recorrentes nas experiências e reflexões, bem como verificar de que forma essas experiências vividas influenciaram em minha trajetória educacional e profissional. Além disso, foram utilizados recursos de visualização de dados para melhor compreensão e apresentação dos resultados.

Por fim, a análise dos dados permitiu uma reflexão crítica sobre a formação educacional da autora, destacando os desafios enfrentados no contexto da educação do campo, as influências históricas e sociais na construção de sua identidade educacional e as contribuições que as experiências vividas podem trazer para a prática pedagógica atual.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DIALOGANDO COM TEORIA E PRÁTICA (AUTO) BIOGRÁFICA

“De qualquer modo, a escrita de um memorial de formação é sempre a partir do campo da educação” (PRADO E SOLIGO, 2007, p.55).

“Um memorial de formação é, acima de tudo, um modo de narrar a nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. É o lugar de contar uma história nunca contada até então - a da experiência vivida por cada um de nós.” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 54). Partindo desse aporte, admitimos então que as narrativas fazem parte da história humana e, como tal, devem ser estudadas dentro de seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos e educacionais. É comum ouvir-se, por diversos relatos, que os seres humanos nascem contadores de histórias, ato quase involuntariamente repetido uns pelos outros de geração em geração. Essa fala é apontada nas aulas de história, e nesse contar e recontar que Prados e Soligo (2007, p. 54) diz que a “narrativa é excelente veículo para tornar público o que fazemos - assim podemos ter nossas histórias contadas”. Assim, “a prática da narrativa de vida, como possibilidade de partilha e compreensão do próprio sentido da vida e da história pessoal e coletiva, está colocada no percurso da filosofia e nas práticas sociais” como afirma (BRAGANÇA, 2012, p. 38). Já Delory-Momberger (2011, p. 341) destaca ainda que, “pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em *episódios*, *intrigas* e *personagens*; [...] damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos[...]”. É nessa prática que buscamos dá um novo sentido ao narrar nessa pesquisa as vivências e itinerâncias tanto pessoais como educacionais da autora.

Nesta pesquisa é fundamentada a importância de retratar a memorialização como uma forma de reconstruir a história de uma vida, tanto do ponto de vista individual quanto da sociedade. Nesse sentido, todos reconhecem que a tradição oral se fortalece quando vinculada à palavra escrita, pois possibilita a fala por meio da ação (SOUSA, CABRAL, 2015).

De acordo com Dantas e Araújo;

A produção de um Memorial de Formação para a narração das experiências vivenciadas no processo de formação se mostrou um grande desafio, pois é a primeira vez que utilizo tal gênero, no entanto, o memorial nos remete as lembranças, a algo que guardamos e recordamos, então acredito que será uma forma muito rica de apresentar as experiências, as dificuldades e os desafios enfrentados no decorrer do curso sem se desvincular de sua história de vida. (DANTAS e ARAÚJO, p. 663).

Por meio introspectivo, a história de vida é contada a partir das memórias da narradora, realçando sua perspectiva, anseios, desejos, conflitos e interações com o meio geográfico que a cerca e que a constitui em sua dimensão existencial. O trabalho busca também desvendar o modo como o sujeito se relaciona com a própria identidade e com as identidades de outras pessoas, trazendo à tona as vivências, sentimentos e lições adquiridas ao longo de sua existência. Porque “Num memorial de formação, o autor é, ao mesmo tempo, escritor/narrador/personagem da sua história.” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 55)

Assim, quando falamos de (auto)biografia de vida como objeto de uma pesquisa, logo se imagina algo simples. Entretanto, “o reconhecimento da legitimidade dessas fontes para a pesquisa em História permitiu que vozes, até então silenciadas pela História tradicional, reivindicassem o direito de falar, o que expôs o fato de que a História é, também, um campo de tensão e disputa.” (SOUZA, 2004 p. 63).

O contar através de suas memórias e o narrar, não são fáceis. Sim, trata-se de dois pontos importantes para a construção: “a memória e a narração exercem importante papel nesse processo. A memória traz o registro vivo de diferentes experiências [...] que foram se acumulando ao longo da trajetória não só histórica [...], mas também pessoal [...]” (BRAGANÇA, 2012, p. 33). Nessa perspectiva dialética Prados e Soligo (2007, p. 54) dizem ainda que “o texto encadeia acontecimentos relacionados à experiência de formação, a prática profissional e também à vida - nesse caso, nos aspectos que, de alguma forma, explicam, justificam ou ilustram o que está sendo contado.”

Segundo Reis (2008, p. 20):

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. Desta forma, explicitam os conhecimentos pedagógicos construídos através das suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e eventual reformulação.

Nóvoa (2000 *apud* FREITAS, GHEDIN, 2015) observou que, devido à insatisfação com o tipo de conhecimento produzido e à necessidade de atualização dos modelos, os pesquisadores estão interessados em apostar em novas abordagens do conhecimento científico em áreas das ciências sociais e humanas como a biografia. Freitas e Ghedin (2015) também

citam Ferrarotti (1988) ao argumentar que esse interesse se deve à dupla necessidade, por um lado, de uma atualização metodológica das ferramentas heurísticas clássicas das ciências sociais e, por outro lado, de uma nova antropologia que se afaste das grandes interpretações estruturais de modo geral. A categoria começa a construir, tenta entender a vida cotidiana, suas dificuldades e contradições, tensões e problemas, ou seja, traduz estruturas sociais em comportamentos individuais ou microssociais.

Escrever sobre a sua experiência docente constitui por si só um poderoso processo de desenvolvimento pessoal e profissional, desencadeando, entre outras coisas: a) questionamentos sobre as suas capacidades e comportamentos; b) uma compreensão do que sabe e precisa aprender; c) o desejo de mudar; d) o estabelecimento de compromissos e a definição de metas a serem alcançadas. Por outro lado, ler, analisar e discutir narrativas sobre práticas e saberes docentes pode aprofundar e desenvolver saberes sobre ensinar e aprender. Os professores atuam simultaneamente como atores e autores de relatórios, dando aos leitores uma visão de seus caminhos pessoais e profissionais, seus sucessos e fracassos e suas perspectivas sobre ensino, aprendizagem, avaliação e currículo (REIS, 2008).

O (auto)narrar as experiências e trajetória de vida da autora (mulher) negra e graduanda em Educação do Campo, considerando os percursos existências de sua vida pessoal e educacional até seu ingresso e permanência na universidade, são pautados em recortes de suas vivências e experiências, objetivando promover uma reflexão entorno de sua narrativa e do outro, que não se “conhece”. Buscando como resultado para sua vida pessoal e educacional um novo aprendizado que lhe proporcione não só a si, mas, também ao leitor o uso da cogitação imaginária sobre a vida pessoal dessa narrativa e seus processos, como se deu seus percursos educacionais até seu ingressar na Universidade Federal Rural do Semi-Árido através das descrições de momentos vivenciados e superados nesse percurso formativo.

O percurso de formação [...] tem, assim, por finalidade a realização do eu do personagem, hoje diríamos sua autorrealização[...]. Cada etapa do desenvolvimento do personagem traz uma “lição” qualitativamente superior à prévia. A dinâmica da narrativa encadeia, entre uma situação inicial de inocência e inexperiência e uma situação terminal de maturidade e de domínio, os acontecimentos segundo o objetivo final a ser atingido: é a partir da finalidade, do objetivo, tal como foi atingido (ou não), que se articulam as relações de causa e efeito e que o movimento de aprendizagem adquire sua orientação e sua significação. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 338).

De acordo com Souza (2004, p. 64),

A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

Os termos utilizados para descrever experiências é difícil, dependendo dos aspectos a serem narrados. Como afirma Bondía (2002, p. 27) “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Nesse sentido, para autora não se trata de algo fácil, já que é sua história regada de dores e situações que envolve/em o outro/os; são suas estigmatizações, que serão narradas, o que torna dificultoso expressar suas experiências, pois, “o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (BONDÍA, 2002, p. 27).

Em suma, vale ressaltar que chegar até essa narrativa (auto) biográfica, o método utilizado em si é pautado por momentos que buscam sua legitimidade e a valorização dessas fontes orais. Como destaca Souza (2004, p. 62) “no campo da produção historiográfica, a Nova História surgida na França, disposta a defender uma mudança metodológica na pesquisa e tendo por base três bandeiras – “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos” –, amplia a noção de documento histórico reconhecendo a importância das fontes orais”.

A (auto) biografia pertence ao gênero literário existente nas narrativas traz o narrador como personagem central. É um método de pesquisa, que na maioria da narração vem na primeira pessoa na qual faz uma abordagem entorno de questões íntimas e particulares como cita Santos e Torga (2020, p. 140):

Vemos então nascer outra forma de narrativa autorreferente, que pauta uma subjetividade a revelar sua intimidade, a compartilhar com sua coletividade aquilo que a preocupa, que acredita, a vivência que resulta das marcas da ação do tempo, da história e das interações sociais sob o cotidiano de indivíduos em sua singularidade. Partimos então a constatar que, com esse olhar para uma narração de si e narrada por si, tem-se uma promessa de fidelidade, de uma pretensão por sinceridade no relato. Uma vez que a pessoa que vivenciou as ações em perspectiva é a mesma que as conta, para então a promessa de que esta subjetividade contará os fatos tais quais eles aconteceram por ser a mesma pessoa que os viveu.

Pineau (2006 *apud* FREITAS, GHEDIN, 2015) estabeleceu uma diferença terminológica entre biografia, que é a escrita da vida do outro; autobiografia, que escreve sobre a própria vida, em oposição à biografia, que constitui um padrão em que atores e

autores se sobrepõem sem um terceiro explícito; relatos de vida, que mencionam a importância de expressar o que se vive desdobrando a narrativa, seja essa expressão oral ou escrita; por fim, histórias de vida, visando estabelecer o sentido temporal. Souza (2004, p. 64) traz uma alusão aos apontamentos destacado anteriormente, que diz “a memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.”

Delory-Momberger (2011, p. 335) diz que,

Não podemos evocar a questão dos modelos biográficos sem abordar a questão da narrativa, que, mesmo não sendo o único, é um dos principais meios de escrita da vida e de construção identitária. Enquanto textualização elaborada das representações do curso da existência, a narração (auto)biográfica também é submetida às variações sócio-históricas. As estruturas e formas de narrativa que os indivíduos utilizam para biografar sua vida não lhes pertencem de fato, eles não podem decidir sozinhos, são formas coletivas que refletem e condicionam, ao mesmo tempo, as relações que os indivíduos mantêm com a coletividade e com eles mesmos, em determinada época e no seio de uma cultura.

É nessa perspectiva que a pesquisadora busca alcançar seu objetivo mediante suas experiências. Para Bondía (2002, p. 21) “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Quando a autora explica o significado de “experiência”, percebe-se que a narrativa sintetizada das histórias e itinerâncias da pesquisadora são lembranças que marcaram a infância até a UFERSA, pois “tomar a escrita de si como um caminho para o conhecimento [...] o pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas” (SOUZA, 2004, p. 68).

Souza (2004, p. 13) destaca que:

A escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si. É com base nessa perspectiva que a abordagem biográfica instaura-se como um movimento de investigação-formação [...].

De acordo com as pesquisas de Bragança (2012, p. 38-39) “narrar histórias pessoais e coletivas é uma prática propriamente humana, a qual revela o lugar fundamental da partilha na construção dos modos de ser e de estar no mundo”. Já Souza (2004, p. 63) diz que “quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo [...].

A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura.”

É relevante citar que durante a reavaliação para a construção desse trabalho através do diagnóstico do passado, e buscando sempre a compreensão dos fatos que marcaram a vida pessoal e formativa da autora. “O debruçar sobre as histórias de vida nos leva, assim, a olhar os caminhos trilhados pela filosofia, tematizando o ser humano e suas reflexões ao longo do processo histórico” (BRAGANÇA, 2012, p. 39). Para Bragança (2012, p. 38), a “narrativa de vida é um método de compreensão e partilha do sentido da vida e da história pessoal e coletiva”. Inês Bragança (2012, p. 33) destaca ainda que “a memória e a narração exercem importante papel [...] o registro vivo de diferentes experiências [...] acumulando ao longo da trajetória. Entende-se que as memórias são conjuntos de lembranças que ao ser contada transbordam inúmeras lembranças vividas.”

As reproduções de si e das suas relações com os diversos sujeitos do tempo, trazidas pela narrativa de suas experiências em diferentes contextos sociais, podem provocar reflexões em torno dessas articulações que envolvem o narradora.

Os caminhos trilhados desde o início do século XX e os embates travados em diferentes campos do conhecimento têm permitido melhor compreender e reafirmar a abordagem biográfica e a utilização da narrativa (auto)biográfica como opção metodológica para a presente pesquisa, visto que a mesma possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e, por outro lado, possibilita, a partir das narrativas (auto)biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação e autoformação (SOUZA, 2004, p. 150).

Para Delory-Momberger (2011, p. 335), “os seres humanos não têm uma relação direta, transparente com o vivido e o desenrolar de sua vida, essa relação é construída e mediatizada pela cultura e adota a forma de representações [...], grupos sociais”.

Para Bragança (2012, p. 33),

O trabalho com as histórias de vida vem como possibilidade de contraposição aos movimentos de aceleração da vida, A abordagem das histórias de vida tem como objetivo principal a compreensão de como as pessoas vivem suas vidas, através de relatos e compartilhamento de experiências, com o intuito de desvelar os principais fatores que influenciam o modo como cada indivíduo se relaciona com o mundo ao seu redor [...].

Compreende-se que os sujeitos não são responsáveis apenas pelo que acontece, mas, isso parte da influência de outros que compõem a sociedade, e esse meio de pesquisa busca

compreender as relações e o agir do sujeito da narrativa. “E, com a intenção de responder a questão que inicia este texto, podemos sinalizar que “chegar a ser o que se é” só se sabe andando, percorrendo os caminhos, cujas andanças vão delineando as trajetórias da vida no mundo, mundo repleto de histórias... histórias construídas no cotidiano da vida.” (PORTUGAL, 2019, p. 24).

Para finalizar essa descritiva Discussão teórica citamos novamente Prado e Soligo que definem esse Trabalho de Conclusão de Curso;

Como vimos, o memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível não só para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano. (PRADO, SOLIGO, 2007, p. 57)

Refletindo nesses descritos, que a autora procura descrever em sua pesquisa, as memórias pessoais pautando com suas itinerâncias formativa dessa mulher negra que ingressa no curso de Educação do Campo. Buscando transcrever seus conhecimentos e experiências prévias e adquirida durante sua trajetória até aqui. Pensando nesse difundir, a autora buscar inicialmente falar de si, se apresentar para os sujeitos leitores que veremos no capítulo seguinte.

4. QUE MULHER PRETA É ESSA? RELATO AUTOBIOGRÁFICO

“Nós todos sabemos que, independentemente de classe ou raça, é rara a intervenção de outros adultos questionando ou desafiando o que seus pares fazem com “seus” filhos. (BELL HOOKS, 2021, p. 44).

Figura 1 - Márcia Maria Pinheiro de Sousa Castro (autora)



Fonte: acervo da autora, 2023.

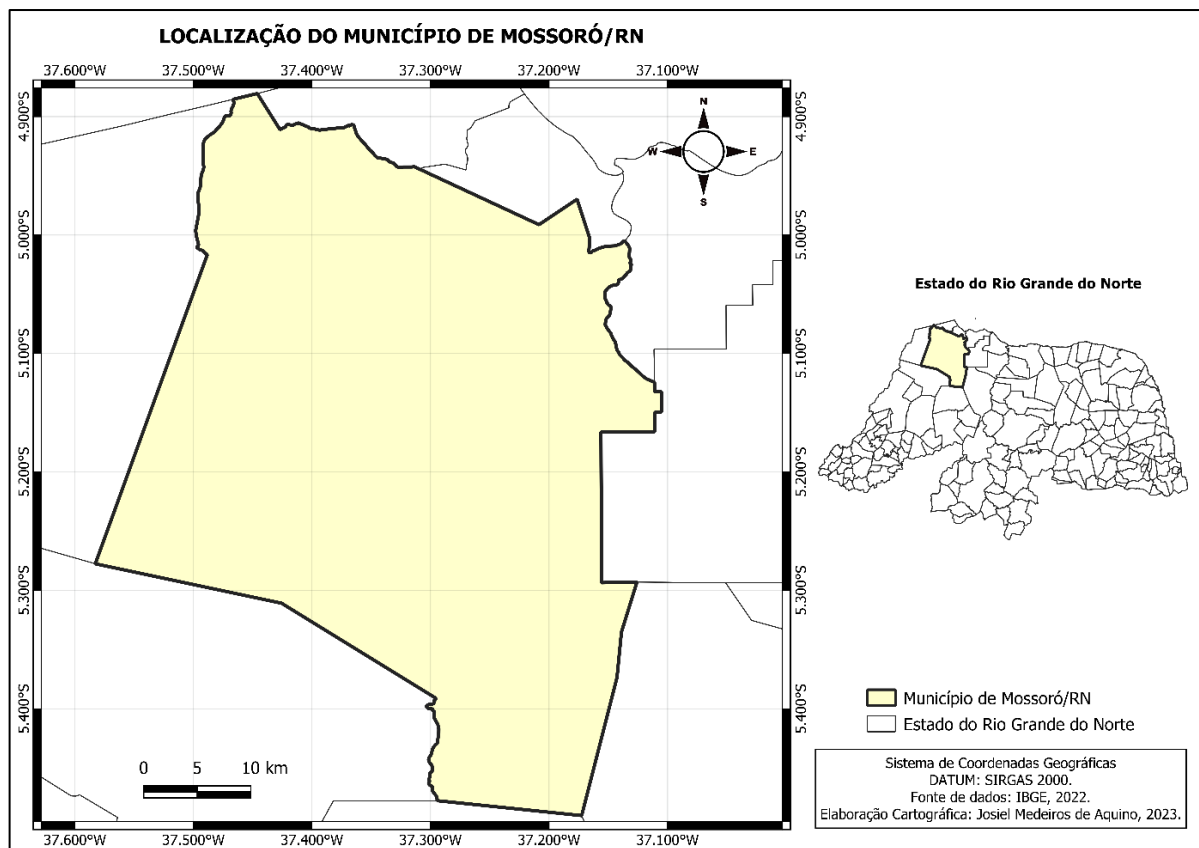
Inicialmente é descrito o sentimento de poder falar de *si*; como nunca teve esse prazer de contar com tanto aprofundamento e de quais as palavras seriam corretas para definir os sentimentos que carrega. Nunca buscou autopiedade ou apresentar-se com vitimismo, por essa razão acredita-se que esses sentimentos ficaram e outros continuarão em suas memórias.

Quando vir diante de uma pesquisa onde me permitia a oportunidade de desabafar, agarrei-me as essas oportunidades, me refazendo ao narrar minhas lembranças e memórias desses processos pessoais e educacionais como novo ser humano, onde enxerguei nessas escritas, as oportunidades e as conquistas adquiridas ao longo do processo. E nesse descrever sobre “eu” sempre se perguntando. Se tivesse sido diferente eu teria chegado até aqui? Teria as mesmas conquistas e oportunidades? Então, diante desses questionamentos eu articulei-me *si* dizendo que *tudo que passou valeu a pena, olha aonde você chegou*. “Como muitos adultos que foram física e/ou verbalmente abusados quando crianças, passei boa parte da minha vida tentando negar as coisas ruins que haviam acontecido, tentando me apegar apenas às memórias dos momentos bons e deliciosos em que conheci o carinho”. (BELL HOOKS, 2021, p. 36) e foi pensando nesses momentos que continuei a lutar diariamente por uma vida digna e melhorando sempre a cada nova história.

Assim descreverei quem é essa mulher preta, quem sou eu, em meio aos capítulos e subtítulos, e inicialmente partindo de uma breve apresentação “eu” que inicialmente é representada na **(Figura 1)**.

Sou Márcia Maria Pinheiro de Sousa Castro; tenho quarenta e quatro anos; nasci no dia oito de junho do ano de mil novecentos e setenta e nove, na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, destacada no **(Mapa 1)**. Sou uma mulher preta e brasileira, filha de Luiz Francisco de Sousa e Arineide Pinheiro de Sousa ambos (in memoriam); sou a segunda filha do casal citado. Sou mãe, casada, estudante e dona de casa.

Mapa 1 – Localização do Município de Mossoró/RN



Fonte: IBGE (2022).

O que destacar sobre as aspirações em torno dos pais? Primeiramente deixa dito que apesar de cada dor e cicatriz que me foi deixada, hoje, não sinto mais ódio, mas, a mágoa, as lembranças vão sempre ressurgir, seja ouvindo uma música, quando descrever, ao ver e rever pessoas e lugares, porque nada disso vai se separar da minha história, pois é desses acontecimentos que fui descrevendo este trabalho. O objeto dessa pesquisa *eu* destaco uma

frase que diz “minhas memórias, não são unicamente minhas; todas elas tiveram e terão um sujeito/a”.

Dando sentido a essa pergunta elaborada no parágrafo anterior sobre as suas aspirações, é dito referente à sua genitora que, “infelizmente eu me lembro de tudo; eu me lembro das suas histórias de vida, dos contos referentes a seus pais e irmãos, nas minhas lembranças me reluz flash ao narrar minha trajetória; antes eram pensadas sempre em forma de pergunta, por quê? Por que fez isso só comigo? Nunca tive respostas, mas, cogito, será que ela também passou por algo assim? Minha mãe era a filha casula das mulheres, faleceu no dia sete de dezembro de dois mil e doze, aos 62 anos com câncer”.

Destacando ainda as aspirações entorno da sua progenitora são frouxas, mas, apesar de tudo, existe o amor que diz “queria que tivesse sido diferente, não sou eu quem as escolho, e nem sempre tudo sai como planejado ou esperado; há sempre um outro que vai modificar seus dias. Apesar de tudo, larguei o meu serviço como agente de saúde nas cidade de Prados-MG para cuidar dela em seu leito final, não por bondade por eu ser melhor, mas, como filha era minha obrigação”.

Luiz Francisco de Sousa (pai) ele foi um homem de vida difícil também; nunca soube ler ou escrever, mas, tinha uma inteligência com os números, foi um ótimo mestre de obra. Ele tinha orgulho de falar da sua profissão e destacava sempre as imensas caixas d’aguas que existem pela cidade de Mossoró como as do bairro Abolição II, em Mossoró/RN e no centro próximo aos hospitais. Pai não convivia diariamente conosco, mas, eu fazia questão de encontrar-se todo fim de semana com ele em sua casa no bairro Estrada da Raiz, também em Mossoró. Foi meu amor, meu herói, amigo, mesmo assim, nunca tive coragem de contar as coisas que me ocorreram. E esse momento era reservado a ele, queria que estivesse aqui comigo, para ele saber tudo ou um que me aconteceu. Esse momento, minha formatura eram para ele, e o que restou nesse narrar, é a lembrança do nosso último encontro, e saber que nunca, mas ouvi-lo dizer quando me apresentava para alguém “é minha filha, minha nega”.

Em presença dessas memórias aqui descritas por mim em referencia aos meus genitores Bell Hooks (2021, p 35) descreve exatamente que; “Minha família de origem me proporcionou, ao longo da infância, um ambiente disfuncional, e essa situação não mudou. Isso não significa que não seja um ambiente no qual a afeição, o prazer e o cuidado também estão presentes”.

Com uma infância conturbada desde a falta de alimento, trabalho forçado, a interrupção de direitos à educação no seu tempo normal, dentre outros. Destaco as brigas

entre seus genitores. Afirmo que tive uma infância sem infância, mesmo assim, guardei momentos bons em minhas lembranças que algumas são apontadas nesse narrar.

Neuza Santos Sousa (1983, p. 26) resume a seguinte narrativa no qual descrevo sobre as minhas descobertas ainda na adolescência dizendo; “A marca da diferença começava em casa [...]”. Na adolescência, fui descobrir em meu corpo e na alma como a raiva, a maldade, a crueldade humana machuca profundamente. Mas, também existem dias e momentos que foram guardados, não só nas lembranças, como também no coração. Pensando nessa fase da vida lembro-me dos dias que serviu a Deus, dos momentos durante o tempo que estive como: coroinha, grupo de jovens, grupo de orações na capela de Nossa Senhora de Aparecida, localizada no bairro Redenção I, na cidade de Mossoró.

Deste modo, cito uma passagem de Bell Hooks sobre esse conflito disfuncional familiar.

[...] dolorosamente reconheci que não me sentia amada, mas me sentia cuidada. E fora da nossa casa eu me sentia genuinamente amada por algumas pessoas [...] Essa experiência de amor verdadeiro (uma combinação de cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade e respeito) nutriu meu espírito ferido e permitiu que eu sobrevivesse a atos de desamor. [...] e acredito fortemente que, se meus pais tivessem sido bem amados pelos pais deles, eles teriam dado amor aos filhos. Eles deram aquilo que receberam: cuidado. Ressalto que o cuidado é uma dimensão do amor, mas somente cuidar não significa que estamos amando. (BELL HOOKS, 2021, p. 36).

Portanto, o amor que não foi nutrido em casa, eu encontrei em outros/as pessoas que me proporcionaram momentos únicos de amor e respeito, como venho discreteando alguns desses personagens em minha história nos descritos abaixo.

Nessa época teve o privilégio de conhecer o padre Flávio augusto responsável pelo seu batizado (**Figura 2**). Para a autora, esse é um dos momentos bons em sua vida, descrevendo o porquê de sua admiração nos seus ensinamentos, no incentivo proporcionado para aqueles que faziam parte daquela família (criança, adolescente, jovens e adultos) do corpo da igreja, a seguir a evangelizar pensando sempre no bem do outro.

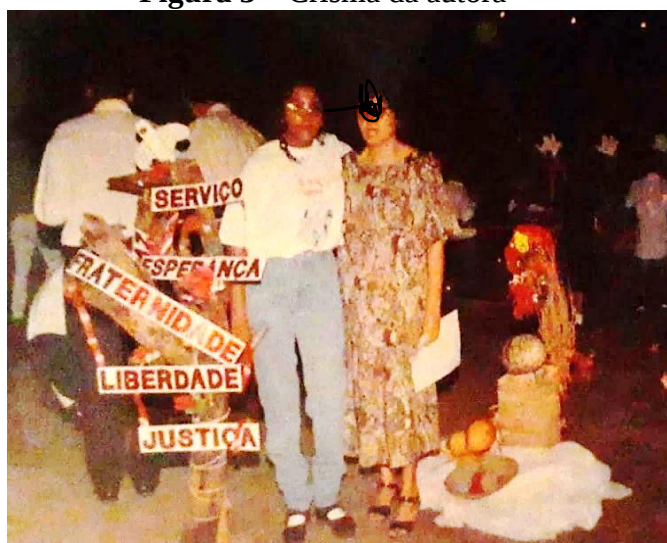
Figura 2 – Batizada da autora na Capela Nossa Senhora de Aparecida no bairro Redenção



Fonte: Arquivo pessoal, 1996.

Como tudo em sua vida ou que envolvia o seu desenvolvimento pessoal e educacional, era sempre atrasado, assim, também foi seu batizado, que veio a acontecer aos 17 anos de idade quando se fazia necessário para que o rito da Crisma (**Figura 3**) acontecesse, e padre Flávio foi responsável por esses momentos (batismo, primeira comunhão e a crisma), por esses motivos descreveu essas ocasiões significativos em sua vida, assim como o vivido no lar para crianças localizado no bairro Abolição II em Mossoró, durante esse tempo que residi foi educada pela irmã Hellen. Esses dois seres humanos de coração e bondade, lhe deram oportunidades necessárias para que tornasse e buscasse ser diferente.

Figura 3 – Crisma da autora



Fonte: arquivo pessoal, 1996.

Graduanda (futuramente-graduada) em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido-Mossoró/RN. Dona de superações e de grandes sonhos ainda a serem realizados.

Trabalhou em diversos campos empregatícios desde os oito anos de idade. Residi em cidades e estados diferentes do Brasil. Em Mossoró, no Rio Grande do Norte, vivi até meus vinte e dois anos; até os vinte e quatro morou na praia de Manibu/CE em uma humilde casa de barro com ex-esposo e filhas. Aos vinte e quatro anos foi embora para a cidade de São João Del Rei em Minas Gerais, retratada no (**Mapa 2**), onde morou por um ano e após esse período, foi morar na cidade de Prados, também situada em Minas Gerais, destacada no (**Mapa 3**), entre os anos de 2006 até 2012, quando retorna a sua terra natal (Mossoró) para cuidar da sua genitora que se encontrava em estado terminal.

Amante da Natureza. O mar é o seu refúgio; as flores te encantam; as músicas lhe acalma. Uma palavra que te define é “SUPERACÇÃO”, pois as palavras “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Assim como mencionam Rodrigues e Mogarro (2020), o modo como os futuros professores se sentem em diferentes momentos e as suas percepções podem afetar o desenvolvimento de sua identidade profissional. Ainda de acordo com as autoras, esses fatores são permanentemente (re)negociados empiricamente, de modo que a construção da identidade profissional de um futuro professor é muitas vezes uma luta interna relacionada ao antagonismo, atribuição de significado e compreensão de perspectivas, expectativas e papéis concorrentes aos quais eles devem se adaptar.

4.1 Que marcas tua alma e seu corpo negro não esquecem?

“Saber-se negra e viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, p. 17-18).

A memória, sempre seletiva de si mesmo, ao longo do tempo esconde dores provindas de sujeitos/as que deveriam ser protetores/as. Quando as marcas foram boas, o cérebro conseguiu guardá-las em lugares específicos como no coração, e dentro dele a eterna gratidão. Do mesmo modo, que as marcas no corpo, as palavras também se tornam cicatrizes, quando a

mente não conseguiu apagá-las, porque a alma extraiu tornando-se uma ferida que o tempo não alcançou a curar.

A mente, não foi capaz de permitir perdoar-se e nem a tudo/os, porque a “tortura” provocada por uma mãe e irmãos, é ferida na qual a alma corrói por dentro; são duras as experiências. Mas, foram esses acontecimentos que permitiram tornar-se a narradora mais forte, com garra para não desistir dos obstáculos com que se deparou até aqui, mas, há momentos que o chão lhe ampara; a vontade de superar lhe ergue novamente, e prossegue.

Desde quando um sujeito é permitido viver essa fase da vida como uma criança deve? Participando de brincadeiras, educação, direito a alimentar-se, a agir de acordo com sua fase. Para a pesquisadora, a sua vivência é destinada às obrigações que não eram delas; ao se tornar uma mãe, é sua obrigação cuidar do seu filho; não o tornar obrigação para uma criança de sete anos cuidar de sobrinhos, causando a essa perda como a infância e a educação, que é notório durante a descrição desse texto.

Nessa época, ao iniciar a cogitar as obrigações sua “irmã” a espanca com “bastão” que antigamente era usado para lavar roupas pesadas. Passando assim autora a ser malvista pela família. Realizando um corte nos tempos vivenciados, a narrativa vem destacando algumas passagens que a alma não conseguiu encontrar cura, “perdão”.

Lembrando com muita nitidez, dos dias que teve que escolher do que iria ser torturada dentre o prato aperitivo (fio de ferro de passar, cordas de sisal deixadas de molho em balde com água, cipó de marmeleiro, salsa e até mesmo por pendão de coqueiro), essas ferramentas eram usadas na maioria das vezes debaixo do chuveiro, porque queimava (ardia), caso brincasse seja de: pula corda, queimada, bila (bola-de-gude), garrafão ou qualquer outra que nos levassem para rua.

As formas de judiar, para demonstrar quem mandava e quem era submisso foram mudando e subitamente eram postos em prática como: obrigar os demais da casa a defecarem no vaso sanitário e quem quer que tenham desobedecido as normas, era colocado no banheiro por horas para respirar as (fezes) que antes eram mexidas para que o odor aumentasse.

As vítimas da família eram sempre as mulheres da casa, mas foi eu a mais prejudicada de todos; não sei a razão para que minha genitora, com frieza arrancasse do meu corpo, pedaços de pele, de carne, assim como foi feito também em minha irmã, uma única vez. Mais, o ser humano escolhido para ser a chave de seus experimentos torturáveis fui *EU*.

Aos oito anos de idade ela me colocou para apanhar castanhas de caju em um projeto localizado no Ceará. Foi quase um ano vivendo com pessoas que eu não conhecia em barracas

de lonas pretas construídas em meio aos cajueiros e seus perigos existentes. O estranho era que dos três filhos que residia na casa eu fui à única.

Assim como água não se mistura com óleo eu me via diferente para minha mãe, porque em determinado dia por ela ser fumante e na nossa casa estávamos utilizando carvão e o fogão se encontrava aceso, ela pediu a minha irmã para buscar uma brasa para acender seu cachimbo e ela não foi, e a mim destinou-se a obrigação. Quando fui, peguei uma colher para carregar a brasa e ao me virar minha irmã veio e bateu deixando a brasa escapar e cair em seu pé. Infelizmente o ocorrido me trouxe a maior das amarguras que minha alma sugou daquele dia.

Eu vi a mulher que me gerou no ventre pegar aquela colher que deveria me alimentar mudar de cor ao ser posta nas brasas para arrancar do meu braço direito um pedaço de pele e junto à carne, deixam exposto a gordura do braço, e nos seus olhos, estavam estampado um brilho ao citar “que me marcava como animal para eu nunca esquecer”, e mais tarde no mesmo dia, ela olhou para mim e disse que ainda “me viria debaixo da ponte pedindo esmola!”. Era com fervor que as palavras saiam de sua boca.

Essa experiência foi, de todos os dias ocorridos, o que me destruiu por dentro como um ser humano. Meu coração passou a sangrar diariamente porque no meu corpo eu tinha a verdadeira marca da maldade. Bondía (2002, p. 25) descreve sobre o sujeito da experiência, o que vivi, destacando que;

Sujeito da experiência, [...] é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera [...].

Mesmo tendo que passar vergonhas em outras situações agravantes como: ser amarrada com minha irmã com uma corda e ser obrigada a percorrer quarteirão, e os moradores de longe gritavam que ela deveria ser presa, ninguém fazia nada ou chegava perto.

Eu fui submetida a fazer coisas e a estar em lugares que não deveria como criança. Não vou aqui expor essas situações porque ainda não me vejo forte o suficiente para narrar. Em breve..., em outra oportunidade, quem sabe!

Algum tempo depois fui colocada em uma escola de freiras que se localiza no bairro Abolição II, conhecida como “Lar para Crianças”. Lembro-me do carinho que recebia

da irmã Hellen, das obrigações que tínhamos para plantar parte dos nossos alimentos, costurar diversos pontos e muitas outras coisas boas, como ter amor ao próximo.

Quando retornei à minha residência, que ficava localizada no bairro Redenção I, na cidade de Mossoró, além das coisas já supracitadas anteriormente, fui obrigada por minha genitora a lavar roupas de caminhoneiros que ficavam acomodados no posto de gasolina que pertencia ao senhor Edvaldo Fagundes, situado ao lado do bairro, onde ela trabalhava como cozinheira.

Essas duas últimas recordações me fizeram crescer e me tornar mais forte e dura comigo mesma. Passei a desconfiar de todos, expelir na fala dor de autodefesa. Mas, a dar amor sem esperar nada em troca, a andar de cabeça erguida e orgulhosa de mim.

Com a história de vida, a totalidade dos acontecimentos de uma vida é validada para o entendimento do que o investigador intenciona conceber, sendo ela a principal fonte de conhecimento/informação da realidade pesquisada. Pensamos que a história de vida é uma perspectiva metodológica fértil do método (auto) biográfico e de histórias de vida, por intermédio dela é possível captar a dinamicidade dos acontecimentos de uma vida e os aspectos decisivos para denotação do que o sujeito é e de como se constituiu ao longo da história. (MEDEIROS, AGUIAR, 2018, p. 156).

Assim como afirma Moraes (2004), as narrativas de histórias de vida dos professores não se apresentam como momentos idílicos em que os sujeitos individuais, pelo simples ato de ouvir e falar sobre suas histórias acabam acreditando que o próprio ato garantirá seu momento formativo. De fato, essas narrativas precisam constituir espaços coletivos de socialização e confronto que são essenciais para o pensamento reflexivo e compartilhado sobre diferentes trajetórias. De certa forma, é a narrativa formativa que fortalece a prática formativa, convencendo o professor de que ele não é apenas um consumidor da infinita informação que lhe é entregue nas formações.

Nessa face, entendesse que todos os conhecimentos e experiências adquiridas não só de formação, mas, no total de um tempo vivido deve ser compartilhado para que outros/as tenham também conhecimento dessas aprendizagens e vivências, é diante esses ancores que autora vem trazendo seus conhecimentos e experiências, que vem esboçando no tópico seguinte sobre o espaço que reside.

4.2 Que campo é esse que teu “eu” habita?

Nesse subtópico será realizado um breve esboço do espaço geográfico onde a autora habita. Como está descrito em forma de pergunta. *Que campo é esse que teu “eu” habita?*

Buscando responder para além da pergunta, é esboçada uma breve apresentação desse espaço o “campo” diferente daquele por muitos são julgados. O campo, quando citado sempre é apontado como aquele espaço de sujeitos analfabetos, de chão rachado, e de lugar de atraso. Mas, à campo e campos, existe aquele campo partindo do paradigma rural que é esse que é esse citado, aqueles lugares nos quais os sujeitos são simplesmente força de trabalho. Para corroborar com esses apontamentos mencionados.

Bernardo Mançano Fernandes e Mônica Castagna Molina (2004, pp. 3-4) onde diz que;

Se compararmos o modelo de rural da literatura a projetos econômico, político e cultural do capitalismo exacerbado e ao modelo de campo que defendemos, veremos paradigmas diferenciados. Um tem a relação homem-natureza como exclusão, marcada por sua capacidade de força de trabalho e de produção de riquezas via acumulação material de poucos, em função de excluir a maioria. É disjunção, seus princípios se fundam na seleção/rejeição de tudo o que não se funde a ele. Na relação homem-terra esse paradigma se fortalece pelo princípio da exclusão de tudo que não o comporta. No paradigma do rural tradicional há, pois, seleção e rejeição de idéias integradas nas teorias que fundamentam esse modelo. No contexto discutido, as idéias são perceptíveis por produção em larga escala, uso desmesurado de agrotóxicos, rejeição de conhecimentos e saberes da tradição de trabalhadores, dentre outros. (p. 3-4).

O campo vai para além de estar na área rural ou morar lá. Tudo tem que ter uma relação, não há cidade sem campo ou vice-versa, uma depende da outra para subsistir. Mas, de outro lado, também existe uma desvalorização desses territórios, como foi citado por nobre seus conhecimentos, que os agricultores sofrem independentemente de onde morem, seja no campo ou na cidade, eles sabem sobre o que produzem como cultiva e como lidar com a terra. Sabem o tempo adequado para cada produção; passam também por vários tipos de exploração da sua mão de obra (força de trabalho), até mesmo a desvalorização de sua produção, para os donos do capital.

Figura 4 – Imagem parte da comunidade de Areias Alvas-Grossos/RN



Fonte: Arquivo pessoal imagem cedida por Jacson, 2023.

O campo em que resido é uma “comunidade” situa-se na região litorânea do Município de Grossos/RN, que vem sendo representada em parte na **(Figura 4)** é conhecida como um dos municípios salineiros do Rio Grande do Norte. Um campo de realidade histórica no passado e no presente da comunidade. Areias alvas é um campo diferente das perspectivas desse *campo* espaço geográfico onde “a lógica do mundo rural, saberes e práticas alternativas”. Esse espaço territorial coberto de história e experiências em que cada um/uma sujeito além desses apontamentos, eles precisam de valorização tanto do seu campo quanto na área da educação.

Assim é Areias Alvas, um campo que tem uma potencialidade histórica para desenvolver-se na área do turismo, na produção de orgânicos, na apicultura, no comércio local, no artesanato dentre outros está o setor imobiliário apontado na **(Figura 5)**, e se faz necessário projetos para que o campo seja um espaço de desenvolvimento e compreensível para que sujeitos/as permaneçamos no campo, que não haja mais aí um êxodo para a cidade em busca de melhor; escola, atendimento à saúde e sobrevivência financeira.

Figura 5 – Imagem aérea da comunidade com visão do mar



Fonte: arquivo pessoal- imagem cedida por Jacson, 2023.

Aqui, coexiste com esposo e três filhos; foi aqui que reconstruiu uma nova vida familiar; (re) escrevendo todos os dias uma nova história. Nesse novo trajeto da sua vida veio novas conquistas, entre elas está a graduação e a construção de patrimônios no qual parte foi paga com os auxílios e bolsas que conquistou durante seu trajeto dentro na Universidade.

Aqui, ressalta-se a importância da Educação do Campo, que de acordo com o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, trata-se de uma política, a qual tem como objetivo aprimorar e expandir a oferta de educação básica e superior para as populações do campo. Essa política considera como parte dessas populações os agricultores familiares, pescadores artesanais, extrativistas, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, trabalhadores rurais assalariados, caiçaras, quilombolas, povos da floresta, caboclos e outros que obtenham seus meios de vida do trabalho rural (BRASIL, 2010).

De acordo com Caldart (2012), a Educação do Campo é um fenômeno atual no Brasil, liderado pelos trabalhadores rurais e suas organizações, cujo objetivo é influenciar a política educacional com base nos interesses sociais das comunidades camponesas. Os objetivos e os sujeitos dessa abordagem estão relacionados às questões de trabalho, cultura, conhecimento e lutas sociais dos camponeses, bem como ao conflito (de classe) entre projetos agrícolas e lógicos que têm implicações no projeto de país, sociedade e nas concepções de política pública, educação e formação humana. A autora ainda destaca que a Educação do Campo, especialmente como uma prática dos movimentos sociais rurais, visa combinar a luta pelo acesso à educação pública com a luta contra a tutela política e pedagógica do Estado, acreditando que este não deve ser o único responsável pela educação do povo.

De acordo com Bernado Mançano Fernandes e Mônica Castagna Molina (2004, pp. 3-4), o campo da Educação do Campo é compreendido através do conceito de território, que é visto como um espaço político de ação e poder, onde ocorrem diferentes relações sociais. De acordo com Fernandes (2005), o conceito de território é frequentemente utilizado para descrever as áreas de governança municipal, que se agrupam em microrregiões. Essas microrregiões são compostas por um conjunto de municípios, e são consideradas como espaços importantes para a análise das dinâmicas territoriais. A compreensão desse conceito é crucial para entender os conflitos entre a agricultura camponesa e o agronegócio, já que cada um busca estabelecer seus próprios territórios.

5. MEMÓRIAS DOS TEMPOS EDUCACIONAIS: A FORMAÇÃO EDUCACIONAL FUNDAMENTAL E MÉDIA

“A narrativa de formação corresponde, desde seu início, a um estágio sócio-histórico particular da relação entre “indivíduo” e “sociedade”, que inaugura nossa própria modernidade”.

(DELORY-MOMBERGE, 2011, p. 338).

6.1 Minha infância no espaço escolar nos anos iniciais

“não se trata, aqui, de analisar o que as crianças vivenciam na escola, em termos de estudar, brincar, aprender, mas de focalizar como dizem que experienciam essas atividades na escola, como dão sentido a elas, como insinuam ou silenciam o que as afeta ao longo desses primeiros anos na escola”.

(PASSEGGI, 2014, p. 95).

Como diz Passeggi na citação acima, esse subtópico não busca realizar uma análise, mas sim descrever as memórias da autora durante seu ciclo educativo, suas lembranças do que lhe marcaram. Deste modo, o esboço da trajetória de uma determinada área da vida, tem como finalidade fazer com que os leitores meditem e degustem sobre as informações aqui citadas, levando-os, a uma reflexão sobre as trajetórias escolares dessa autora negra educanda da Educação do Campo.

Buscando narrar através das memórias almeja parafrasear sua infância, o ingresso no ensino escolar. Posso transcrever aqui o mínimo, pois, acredito que nessa etapa não guardamos tantas lembranças, tantos momentos vivenciados por consequência da idade, na qual me refiro a essa etapa da infância ou por não ter um registro, torne-se mais difícil.

Para iniciar, deixo claro que talvez não me venha a memória tantos momentos. Por muitas vezes já busquei lembrar nomes, situações e não vejo a minha mente buscando essas memórias ou talvez ela tenha bloqueado esses momentos.

Muitos momentos tristes fizeram a educação ocorrer de maneira instável. Nunca se tinha certeza de iniciar e concluir uma série. Não ter uma casa para morar após o término do casamento da minha genitora, até um dia, o Sr. Bastos (empresário do ramo de alimentos) permitir que continuássemos na casa que lhe pertencia localizada na Rua Senador Ruy Carneiro nº 98, no bairro Redenção I, mesmo tendo evadida por minha mãe, a casa, era escura, sem luzes dependíamos de velas, lamparinas, não tínhamos água, não só na casa, mas o bairro todo. Era preciso enfrentar filas no chafariz, tínhamos que carregar a água em roladeira (barril de vinho) ou em galões feitos com pedaços de pau, cordas e dois baldes.

O bairro Redenção nasceu de obras criadas pela Caixa Econômica Federal e ainda incompleta, ocorreu invasão de diversas casas. No bairro também tinha um riacho que rasgava o bairro e passava ao lado da capela (Nossa Senhora de Aparecida), ali, era o ponto de encontro dos moradores, era usado para realizar banhos, pesca e lavagem de roupas.

Mesmo na vasta memória, não tenho uma nitidez correntes em que tempo ou época ocorreu meu caminhar ainda na creche, mas descrevo flechas desse tempo cronológico. Começo separando essas cronologias do tempo (memórias) dentre a creche e até os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Destacando em relances o início na creche “jardim de infância” que ficava localizada na entrada do bairro Redenção I, na Br 304, na cidade de Mossoró-RN. A casa onde funcionava a creche tinha cinco vãos divididos entre cozinha, secretaria e salas. Era um lugar agradável, limpo. As pessoas que ali estavam cuidavam muito bem da gente. Sei que alguns coleguinhas na época iam por conta da merenda, já que era muito difícil ter todos os dias ou todas as refeições diárias em sua casa, assim como no meu lar também. Entre creche e Ensino Fundamental passamos por um momento da campanha (pistola de vacinação³) tinha as ações que eram concretizadas em carros vacinando contra varíola⁴

Destacar esses episódios foi surreal, pois tiveram momentos que eu não lembrava, até começar a descrever. Porque eu não sei se eu fui feliz e não busquei lembrar esses momentos bons, porque minha mente fez separação do bom e do ruim, deixando sempre o bom em um lugar restrito. Entretanto, situações opostas me fizeram perceber que vale a pena lembrar-se desses momentos, porque são marcas de uma história e que não se pode esquecer por definitivo uma vivência e suas passagens históricas.

Não sei muito, sobre o que é uma infância, pois sempre trabalhei e não podia aproveitar porque era obrigada a cuidar dos filhos dos meus irmãos. Quando tinha oportunidade de brincar, mesmo sabendo que posteriormente seria castigada, lembro-me de algumas brincadeiras que brincava com meus amigos de infância (pula-a-corda, bambolê,

³ As pistolas de vacinação eram mecanismos que representaram um grande avanço tecnológico. Seu mecanismo funcionava por meio da alta pressão do ar comprimido que, acionado por um gatilho, liberava uma forte onda de impacto. Esse sistema era necessário uma vez que agulhas não eram utilizadas nesse processo de vacinação

⁴ A varíola é uma doença transmitida aos humanos por meio dos macacos, cuja denominação científica do vírus é *monkeypox*. Qualquer pessoa, independentemente da idade, que desenvolva pústulas (bolhas) agudas e inexplicáveis na pele em um país onde a varíola símia não é endêmica é agora considerada um caso suspeito. Se esse quadro for acompanhado de dor de cabeça, febre acima de 38,5°C, gânglios linfáticos inchados, dores musculares e corporais, dor lombar e fraqueza extrema, você precisa ser examinado para confirmar ou excluir a doença (BUTANTAN, 2022). De acordo com Garay (2022), a epidemia de varíola já causou a morte de mais de 56 milhões de pessoas no mundo.

garrafão, macaquinho (elástico), pique esconde, caiu no poço, soltar pipa, andar de perna de pau, queimada, tantas outras brincadeiras que hoje não vejo mais).

Nenhum chão vermelho que revestia as ruas, nem uma falta de alimento, água ou energia, era maior que a vontade de brincar com meus amigos. Uma época em que o maior desafio de ser criança era enfrentar a praga do piolho. Nunca tinha visto a história por esse outro ângulo dessa infância feliz.

As tardes no bairro eram marcadas por um encontro na praça para assistir filmes, novelas, jornais; em uma estrutura feita de tijolos, onde era colocada a televisão para os sujeitos assistirem.

No começo do ensino fundamental, eu tinha uma professora chamada Sônia, ela era esposa do futuro professor do quinto ao oitavo ano. Sônia foi uma professora carinhosa e, descrevo sobre ela porque tenho gratidão por ela matar a fome não só minha, mas, também dos meus irmãos doando pães da sua padaria que ficava localizada na principal da Abolição III. Nesse contexto educacional vivenciado no primeiro, segundo e terceiro ano fundamental, lembro com carinho da merendeira que cuidava da gente, seu nome era Maria (pirita); ela cozinhava com amor, tinha uma preocupação no horário, no intervalo em colocar um atrás do outro para lavar as mãos; levava-nos até a cozinha em filinha para receber nossa merenda; se preocupava se todos tinham comido, ou porque não quis, eram gestos simples, mas, tinha um grande significado por trás o amor⁵

A escola tinha uma estrutura menor da estrutura atual. O nome da instituição é Escola Estadual Luiz Dantas Cavalcanti, que fica situada na rua Senador Ruy Carneiro, principal do bairro Redenção I. Passaram muitos professores, alguns até hoje ainda residem no bairro. Era um ensinamento baseado em livros, mas, em determinada época, tinham feiras de ciência, visitas em determinados lugares como: zoológico, salinas. O museu “Lauro da Escóssia”, localizado no centro de Mossoró, era um espaço de muita cultura tais sobre; Lampião, folclore, rádio, antiga cadeia, carnaval, políticos do RN, escravidão, revistas e jornais impressos, objetos e elementos que transmitem o reconhecimento do passado.

A educação não tinha essa perspectiva atual, “modo” na qual é trabalhada na maioria dos cursos de graduações e nas salas de aula de escolas públicas como vem sendo atualmente. Um exemplo são os estágios onde se pode pensar em aulas contextualizadas e interdisciplinar,

⁵ - Bell Hooks (2021, p. 35) trás uma passagem em seu livro “Tudo- sobre- o- Amor” Onde diz “Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado. Ouvimos com frequência sobre homens que batem na esposa e nos filhos e então vão ao bar da esquina proclamar apaixonadamente o quanto os amam. Se você conversar com a esposa num dia bom, ela pode insistir que ele a ama, apesar da violência”.

onde propulsem aluno\ a crítico, outro exemplo são os docentes do curso de Educação do Campo que buscam trazer o contexto e vivências desses educandos pensando na construção de um sujeito crítico.

Nos tempos em que me fiz estudante das escolas que frequentei até o ensino fundamental, posso destacar que foi gratificante, aprendi muito, mesmo em simplicidade e restritos a poucos meios didáticos como: a tabuada, cartilha do ABC e livros ou a esses pequenos eventos que já foi citado nos parágrafos anteriores, dessas metodologias que eram ministradas. todos os dias tinha uma obrigação de cantar o hino nacional em sala e uma vez por semana esse rito era no pátio com todos os estudantes das escolas.

No terceiro ano já estava atrasada na época, e lá estava minha antiga professora Sônia do primeiro ano, foi a última vez que ela me lecionou, pois ela só dava aula do primeiro ao terceiro ano.

Destacando aqui como era na maioria, as disciplinas eram trabalhadas com cartilhas (Português) a (Matemática) tabuada, a (Ciência) o corpo humano-cabeça, tronco, membros e seres vivos; a (Geografia) os mapas, os vulcões, os relevos; já na (História) caravanas, os escravos, a invasão, os índios e outros temas.

Porém, realizar esse diálogo com o meu “eu” e meu passado, é narrar sentimentos de nostalgia sobre uma infância aonde fui como “adulta criança”, mas, ao narrar até aqui essas emoções nostálgica levou-me ao ponto do falar não sair. Porém, realizar esse diálogo com minhas memórias, foi, percebendo que nem tudo e nem todos são bons ou mal ao mesmo tempo. E que em cada empecilhos da vida, consigamos tirar deles a proveitos para uma vida futura, e assinalo, agradecimento por essa oportunidade de compartilhar o meu vivenciado em meio a recortes desse tempo cronológico de uma existência.

Dando continuidade nesse transcrever de emoções, balizo o quarto ano do Ensino Fundamental II, não cursei essa série no bairro Redenção, porque não seria possível os professores lecionar essa turma, por conta de uma vasta demandar de alunos para o terceiro ano, o que levou a locomoção dos mesmo\ as tinha a concluir essa série no bairro Wilson Rosado.

Por tanto, nessa instituição havia professores diferentes para todas as disciplinas., o percurso não era longo, mas, o horário castigava – às 12hs. A escola tinha uma boa estrutura, ótimos espaço onde podíamos estudar e brincar. Tínhamos professores que pareciam estar ali por obrigação, mas, tinha Eliane, lecionava com boa vontade, explicava e repetia buscando nos fazer entender todo o conteúdo, apesar de ser tão atenciosa de estar sempre disposta a nos ajudar, não tinha uma metodologia além do livro, mas fazia entendível o que se propunha.

Aqui se faz essa desmembração dessas fases “fundamental I e ensino fundamental II”, os discorres aqui vai do quinto ao oitavo ano, aqui novamente retornamos a antiga escola Estadual Luiz Dantas Cavalcante no bairro Redenção. Uma época em que os professores começaram a desenvolver metodologias onde nós alunos desenvolvêssemos trabalhos, projetos, feira de ciências e gincanas. Algo que marcou esse ciclo foi quando conheci outra professora por nome de Sônia, essa diferente da outra citada anteriormente, vai para além da sala de aula. Sônia me lecionou do quinto ao oitavo ano. Ela era professora de História Geografia e foi aqui que floriu meu amor por essas disciplinas. Não ganhei uma professora e sim uma amiga, companheira, mãe, incentivadora e madrinha de crisma.

Além, dessas lembranças e desses momentos que foi vivenciado além da sala de aula, é na adolescência que essa etapa da educação finalizada como cita autora Passeggi (2014, p.98) “a adolescência, completa-se o círculo dessa trajetória dos primeiros anos de escolaridade, que se fecha pelo rompimento (aparente) dos laços com o brincar. [...]”, então aqui a narradora vem “autobiografando [...], movimentos nos quais se reinventam ao reinventar o tempo que passam na escola [...]”. (PASSEGGI, 2014, p. 98)

A memória, conforme evidenciam Sousa e Cabral (2015), permite que dimensões pessoais esquecidas sejam recuperadas e localizadas no tempo. As autoras mencionadas também comparam a memória a uma situação em que memória, passado, presente e futuro se cruzam. Para além da simples memória, a lembrança constitui uma viagem no tempo e no espaço, enquanto a narrativa é a recordação de diferentes experiências, tanto em público como em privado. Essa percepção sugere que as unidades narrativas são compostas por experiências adquiridas e construídas ao longo da história da vida humana que se cristalizam e constituem imagens que são recuperadas no cotidiano. Assim, no próximo discorre a autora continua com esses passeios em suas memórias desbravando seu percurso ainda pelo ensino fundamental dois.

6.2- A educação incide no continuar: Ensino Fundamental Anos Finais

Dentre fases e memórias escorridas até aqui, foi resumido lembranças não só educacional. Agora, constituirá memórias desse ciclo que vai do quinto ao oitavo ano do Ensino Fundamental II. Ainda fazendo um registro da escola Estadual Luiz Dantas Cavalcante, por se tratar de uma estrutura mediana a escola necessitava de outros ainda espaços com: uma biblioteca, quando carecia usufruir a mesma, os/as alunos/as se locomovia

para o centro da cidade utilizar a biblioteca que se encontrava no antigo museu. Aqui a autora fala de uma forma mais detalhada de suas memórias que nessa fazer, já são mais afloradas.

Diante todas as memórias que lhe faz presente, ressalta a necessidade de falar que iniciou aqui durante esse período essa força por liderança, desde o quinto ano sempre foi escolhida como líder de sala até o segundo ano do ensino médio, de acordo com a autora por talvez ser a mais velha da turma e por gostar de esta afrente das situações, e organizar festas. Assim, iniciou seu primeiro trabalho entorno desses apontamentos, chegando a organizar em conjunto com outros colegas o São João do Luiz destacado na **(Figura 6)**, que teve além de quadrilhas convidadas a representada pelos alunos da escola como está exposta na fotografia logo abaixo.

Figura 6 - Imagem da autora na quadrilha junina



Fonte: Acervo da autora, 1994.

Outro ponto destacado são as lembranças do construir uma maquete de uma salina localizada em Areia Branca para ser apresentado na feira de ciências promovido pelo professor de inglês “Júnior” esposo da primeira professora Sônia citada lá do primeiro ao terceiro ano dos anos iniciais. Para desenvolver esse projeto, ele leva-os à cidade de Areia Branca para conhecer cada processo da produção e fabricação do sal, desde a retirada da água do mar até o ensacamento do produto e carregamento de caminhões. Essas atividades atualmente são vistas como aula de campo (prática) dentro do curso de Educação do Campo assim como em outros da universidade.

Adentrando na reta final do ensino fundamental anos finais, a autora já com seus dezenove anos, aqui é legível esse “atraso no ensino” é evidente o quanto essas situações que

foram mencionadas nessa produção textual para a vida da autora. Sejam por questões casual ou provocada por terceiros, deixou atrasada a sua formação, onde observamos nesse trabalho que se trata de sua primeira formação aos quarenta e quatro anos de idade.

Ainda sobre o oitavo ano, exatamente no final do primeiro semestre a autora se transferiu para a Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus, localizada na cidade de Tibau/RN, aqui, já estava com 21 anos de idade, como é apontado por ela que isso ocorreu por ter repetido o ano letivo no ano anterior, porque tinha dado à luz a um filha, então conclui a fase da educação conhecida como Ensino Fundamental dois no ano de 2001, e iniciará no subsequente que será narrado em seguida.

6.3- O contexto histórico do Ensino Médio

O Ensino Médio foi concluído em “partes” na cidade de Tibau/RN, na Escola Estadual Rui Barbosa, no qual é concluído o primeiro e segundo ano do ensino médio no período noturno, já o terceiro ano, foi meio conturbado com criança pequena levou a autora a perder dias de aulas, especificamente as segundas-feiras onde ocorriam as aulas de português. Então, no final do ano de 2004 já residindo na cidade de São João Del Rei- Minas Gerais ela concluiu o Ensino Médio no ano 2005, o qual ficou evadido (pendência) na disciplina de Português no ano anterior, de acordo com autora, por falta, porque durante essa fase na escola Rui Barbosa enfrentou algumas dificuldades tais com; o trajeto até a escola por morar em beira de praia, os transportes em dias da conhecida (maré-alta) se tornava intransitável para os veículos escolares, assim, o percurso da praia do Manibu-Ce até Tibau-Rn levava em média trinta minutos a pé e grávida esse percurso levava mais um tempo, além dos perigos por falta de iluminação e os ataques de cachorros que faziam vigílias nas casas e barracas de praia. Destaco, então, que a conclusão do Ensino Médio se deu na cidade de São João Del Rei/MG.

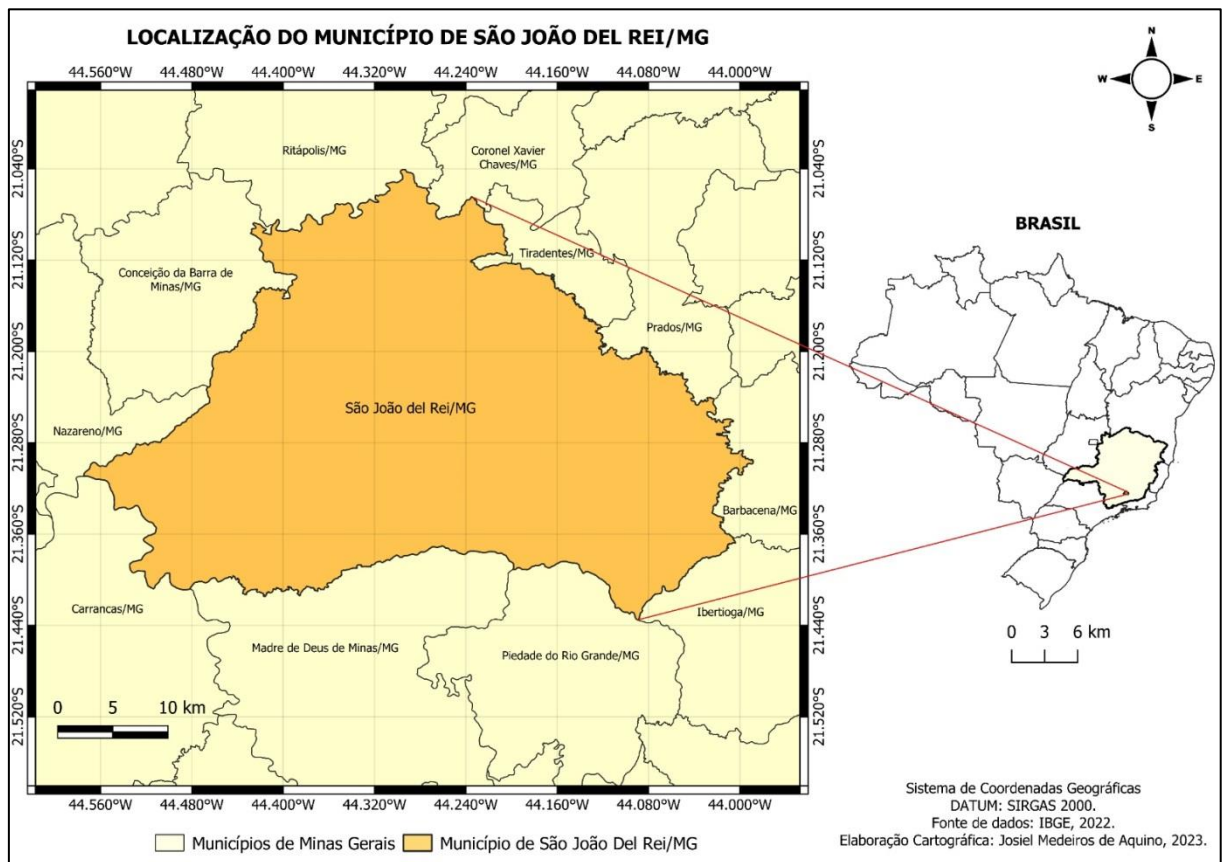
6 CONTOS DE UMA (AUTO)BIOGRAFIA EM OUTRA REGIÃO (SUDESTE): REFLEXÕES DE ITINERÂNCIAS DE VIDA PESSOAL

“No meu caso, quanto mais bem-sucedida eu me tornava, mais queria parar de falar a verdade sobre a minha infância” (BELL HOOKS, 2021, p. 36).

5.1 São João Del Rei: histórias e encanto

No ano de dois mil e cinco, em um espaço incógnito, me vi renovada e forte como nunca, entre família desconhecida e amigos, meu mundo virou espaço de superações e aprendizados. Inicialmente, comecei a trabalhar em uma casa de família das sete às treze horas, de segunda a sexta-feira. Dias depois iniciei outro trabalho em um trailer de hambúrguer, localizado na avenida principal da cidade de São João Del Rei onde a cidade vem exibida no **(Mapa 2)**. O segundo trabalho citado tinha início às seis da noite sem término para encerrar, pois tinha dias que chegava ao raiar do sol. No mês de março do mesmo ano, realizei a minha matrícula em uma instituição de ensino supletivo conhecida como CESEC- Centro Estadual de Educação Continuada “Professor José Américo da Costa”, onde eu tive que realizar setenta e oito provas com assuntos separados tais exemplos; hiato, tritongo e dentre outros, tudo isso para concluir com êxito até o término do ano letivo, mas, a conclusão da disciplina de Português na qual foi evadida enquanto aluna da Escola Estadual Rui Barbosa-Tibau-RN. Foram indicadas as quartas-feiras, das treze às dezessete horas para realização das provas, por ser o dia de folga da Hamburguesia, concluindo seu Ensino Médio aos 25 anos em cinco meses. Então, o sonho de ingressar em uma universidade foi se tornando mais forte. Ao trabalhar no trailer de hambúrguer, que era o ponto forte dos encontros dos universitários, por estar localizado no centro universitário (UFSJ), aquele espaço acolhia diversos mundos (culturas), e a convivência com pessoas de diversos lugares e línguas me fez repensar no continuar do meu eu educacional.

Mapa 2 – Localização do Município de São João Del-Rei



Fonte: IBGE (2022).

Durante o ano que morei na cidade foi uns dos mais felizes de minha vida, onde aprendi histórias políticas, comidas, biografias das belíssimas igrejas banhadas a ouro, as ruínas onde nasceu Tiradentes, casarões históricos, ferrovias e minas, tantos outros tão significativos como a biografia de Inhá chica⁶ para esses sujeitos.

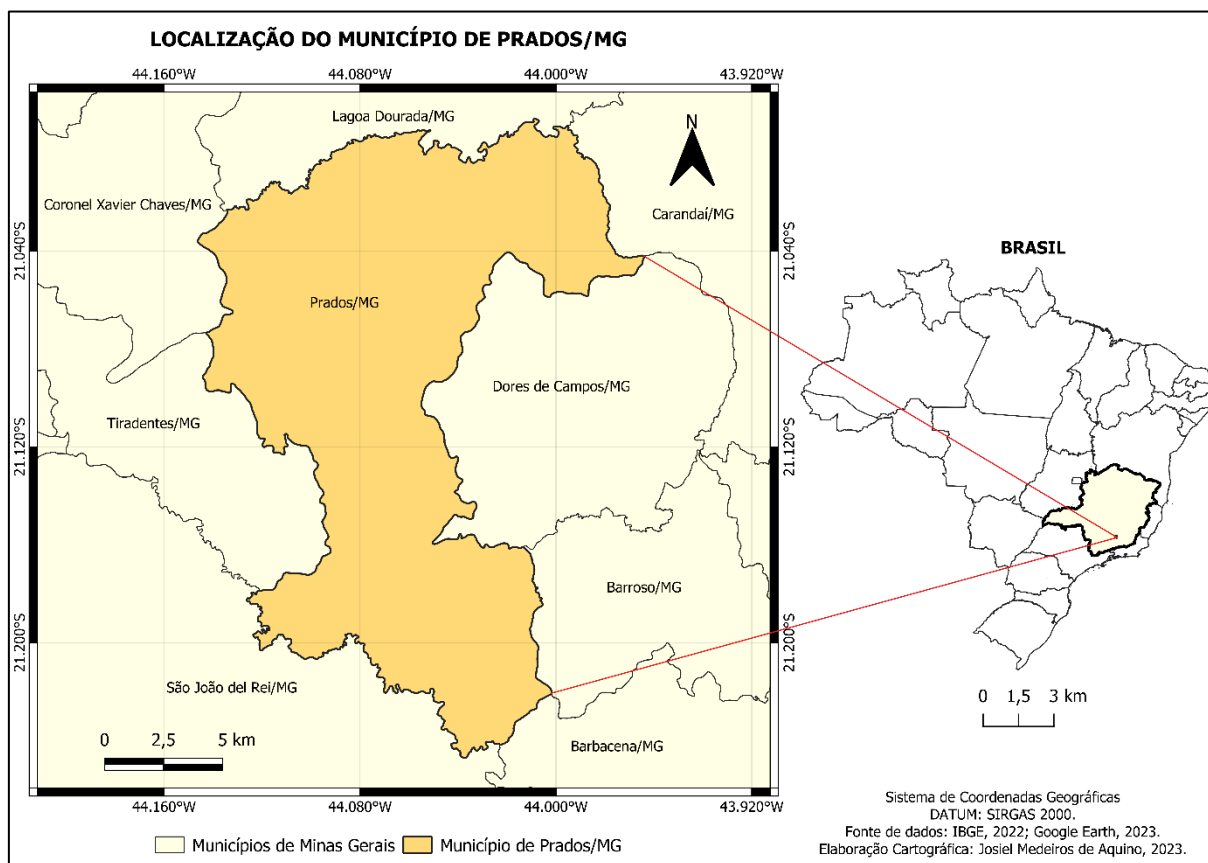
5.2- Prados: cidade que em mim habita

Dando continuidade nessa aventura mineira, saindo da cidade de São João Del Rei passou a morar em uma cidade vizinha conhecida como cidade da música (PRADOS-MG)

⁶ Francisca de Paula de Jesus, conhecida como Nhá Chica, nasceu em torno de 1810 e se tornou a primeira negra, filha de escravos e analfabeta a ser beatificada pela Igreja Católica em 2013, devido ao seu compromisso com a caridade e ajuda aos menos favorecidos. A maior parte de sua vida foi vivida no Sul de Minas, onde ela exibiu uma sabedoria inigualável, seguida por uma vida completamente dedicada à sua devoção a Deus e demonstrando um completo desapego aos bens materiais, tudo isso associado ao dom da santidade (G1, 2022).

vem representada no **(Mapa 3)**. Lá, construí uma nova história, novos hábitos, amigos, trabalhos, costume, uma nova biografia para sempre.

Mapa 3 – Localização do município de Prados/MG



Fonte: IBGE (2022).

Na referida cidade, construí uma parceria (sociedade), em pousada local por um bom período; logo depois, criei um vínculo familiar, tive dois filhos (Kaue e o Pietro). Quando ainda gestante de Kaue, passei a me integrar na cultura local (congado)⁷, dançar, vestir-me com traços africanos como: roupas e enfeites para homenagear os santos negros, tais como a Nossa Sra. do Rosário e São Expedito. Fez brotar e mim as raízes dos meus ancestrais e

⁷ De acordo com a análise de Brettas e Frotas (2012), o Congado é uma celebração complexa e simbólica que ocorre anualmente entre os meses de agosto e outubro, variando conforme a região. Essa manifestação é composta por três partes distintas: o terno, o reinado e o Congado, os quais foram explicados pelos autores da seguinte forma: O terno, também conhecido como guarda ou corte, é formado por diferentes grupos rituais, como Moçambiques, Conguês, Catopés, Caboclinhos e Marujos, que se distinguem pelo estilo de sua indumentária, coreografia e ritmo do batuque. O capitão regente é a autoridade central do terno, responsável por administrar, manter a disciplina e acumular as funções de administrador, mestre e sacerdote. Os dançantes, músicos, cantadores e coreógrafos compõem a base do terno. O reinado é considerado o rito principal da manifestação, sendo formado por personagens coroadas, que recebem homenagens dos grupos rituais e são conduzidas em cortejo até a igreja e vice-versa. Destacam-se o Rei e a Rainha congos, que representam simbolicamente a ancestralidade africana, e o Rei e a Rainha Perpétuos. Os membros que representam esses personagens são escolhidos anualmente e se apresentam como representantes das coroas associadas aos santos da devoção congadeira.

quando tocava os bumbos meu corpo gritava por liberdade, me sentia livre dos grilhões que me aprisionavam. “Criar um enredo para a sua história de vida implica agir com memórias e esquecimentos, atribuir sentidos e significados a determinadas vivências que são ressaltadas, as quais apontam perspectivas futuras. Dessa forma, o sujeito não se torna indiferente [...]” (MENEZES, 2021, p.270).

Comecei um novo percurso (trabalho) como representante de vendas em uma empresa de móveis (Novo Lar) na cidade de São João Del Rei, por um ano, deixando o mesmo, quando passei no concurso para agente de saúde da cidade de Prados. Na época, grávida de Pietro, logo veio à mente de muitos “eu” não conseguiria trabalhar, pois, a área onde iria atuar tinha um percurso de subidas elevadas e por encontrar-se no quarto mês de gestação, a cidade tem uma altitude elevada a minha respiração se tornava dificultosa, mesmo assim, não desistir, entrei e pude sentir na alma o desespero de muitos que buscam meios públicos para garantir sua saúde; enfrentei a dor de um bairro ao ter casas soterradas por um desmoronamento; aprendi que minha dor nesse momento não passa de um sopro.

Durante os anos que morou em Prados, teve a oportunidade de conhecer outros estados, outras culturas e ensinamentos. Dentro da área de trabalho, tive oportunidades únicas, uma delas foi conhecer o maior manicômio de Minas Gerais, que fica localizado na cidade de Barbacena (terra dos manicômios ou loucos), um lugar que te leva aos prantos desde a entrada. A cada cômodo que percorremos, são fragmentos de torturas e abandono. As paredes exalam maldade humana; são presenças de dor de seres sem ação “Quase todos estavam nus e eram homens e mulheres de várias idades [...] todos tristes e muito diferentes [...]. Os que estavam no armazém pareciam não agüentar o peso do próprio corpo [...]” (GONÇALVEZ, 2009, p. 48).

Está ali, diante de instrumentos surreais, usado para desfarelar parte dos corpos incapazes de se defender é sentir na alma o flagelo daqueles seres humanos. Nas fotografias que cobriam as paredes, a mente te leva ao extremo, ao ponto de se imaginar naquela situação.

Vemos, no exemplo anterior, que a autora/narradora/personagem intersecciona momentos em que ela parece ser transportada a outros lugares de sua afeição, como cita [...] momentos em que ela presentifica sua narração para o momento de sua escrita [...]. A memória é aqui então vista como a possibilidade [...] com uma cronologia ou sequenciamento linear para o narrar dos fatos. Destacamos nessa ideia da narração de si/narração por si enquanto momentos constituintes da narratividade autobiográfica, um imprescindível elemento que a integra: a memória, a lembrança. A memória não está sujeita ao caminhar retilíneo que possa querer impor o sujeito, não é uma terra que nos permite decidir plenamente o caminho, cada incursão tem diferentes gatilhos e diferentes trajetos, ainda que se tratem das mesmas

peças e/ou dos mesmos acontecimentos (SANTOS, TORGA, 2020, p. 137).

No momento em que fui forçada a dizer adeus para esta cidade, que mim deixou grandes lembranças e significados, dei-me por escrever em breves linhas um singelo relato, mas que busquei retratar a angústia da despedida.

Despedi-me de te Prados em dezoito de outubro de dois mil e doze, com o coração sangrando. Lá deixei parte de mim. Não foi um adeus, apenas dei um tempo para socorrer quem mais me maltratou em todo esse tempo e agora em sofrimento de mim precisou [...]. O convívio em Minas me tatuou, porque em mim se fez morada a beleza que nela se retrata. A cada estrada onde se caminha o passado construído pela cobiça, o ouro que reluz nos altares das igrejas, é com certeza marco de uma riqueza deixada por lá. A cidade de Prados, tem o som dos violinos, dos saxes, violoncelos. Na terra batida a estrada te leva a grandes estruturas de madeira, são artes construídas pelas mãos do artesão Márcio Sião. As cidades vizinhas, como Barroso, Dolores de Campo, Bixinho e Resende tem seus encantos, mas, Tiradentes tira da gente suspiros e imaginação ao percorrer no chão de pedra que carrega nela a marca da escravidão ou na Maria-fumaça que melodiosa suspira o apito anunciando sua partida e chegada nesse traslado entre duas cidades marcadas por um passado de grandes histórias, à Tiradentes e São João Del Rei, onde os sinos cantam (Relatos da autora, 2013).

Ao narrar, o ser humano visita o passado, buscando o presente no qual a história se concretiza, pois a memória se tece a partir do presente, empurrando-o para o passado, viagem imperdível e necessária, que é a cadeia básica a partir da qual pode gerar novas histórias, outras formas de entender o que aconteceu, outras possibilidades de narrativa, significando e ressignificando sua história e gerando novos sentidos para sua vida e para a vida dos outros (BENJAMIN, 1994 *apud* ROZEK, 2013). O autor lembra que o narrador tem uma relação artesanal com sua substância – a vida – e sua tarefa é manipular a matéria-prima da experiência – a própria e alheia – para transformá-la.

O processo biográfico explorado pela pesquisa narrativa por meio do relato revela o sentido pelo qual os indivíduos se constroem, incorporam seu próprio sentido e constroem um projeto para si. Portanto, entender a formação na perspectiva do sujeito que aprende é tomar a história da vida profissional como um projeto de autoconhecimento, revelando um caminho sensível para examinar a história de vida e sua relação com o conhecimento, com o autoconhecimento, para refletir sobre a memória de experiências individuais no processo de formação (PONCIANO, LIMA, 2021).

7 ITINERÁRIO DE UMA ESTUDANTE NEGRA NO CUROS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFERSA

“Num curso universitário de formação de profissionais que estão em exercício e em programas extensos de formação continuada fica a potencializada a proposta de narrar por escrito as experiências e as reflexões, pois esses são contextos privilegiados de articulação de teoria e prática e de produção do conhecimento pedagógico” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 54).

7.1 O que motivou a ingressar na universidade?

“Sentimentos de culpa e inferioridades, insegurança e angústia atormentam aqueles cujo Ego caiu em desgraças diante do Superego [...]” p 41

É impossível descrever como se deu ao ingressar em uma universidade pública, sem narrar o percurso, transcendente dessa (auto) biografia. “No Brasil, as pesquisas educacionais com fontes autobiográficas têm se voltado mais para as questões identitárias, notadamente, na formação docente.³ Ainda são raras aquelas que investigam a ressignificação da experiência no ato de narrar a própria vida” (PASSEGGI, 2011, p. 148). São tantas idas e vindas, dor e decepções, durante esses percursos educacionais, mágoas principalmente no psicológico.

A primeira alternativa genérica -sucumbir às punições do superego- é representada pela Melancolia, em seus diferentes matizes e gradações. Aqui, o sentimento de perda da auto-estima é o dado constante que nos permite unificar numa mesma categoria -Melancolia -as diferentes feições desta condição psicopatológica que denuncia a falência do Ego. (SOUZA, P 40).

Deste modo, vale pergunta, Que significado tem ao (re)viver para a autora dessa pesquisa, ao narrar sua vida educacional superior? Respondendo à pergunta, foi destacado que foi novamente lembrar os momentos ruins que vivenciou ao lado de amigos, das dificuldades de chegar até aqui, mas, nada se compara ao que foi permitido conquistar de aprendizados, vivências, experiências, das trocas de conhecimentos com os colegas e com os outros sujeitos/as que foram nos proporcionados pelos docentes como diz Peneff (1990, p. 57) é “[...] insistindo sobre a situação, sobre a percepção de outro, sobre a relação face-a-face na interação[...]”, que podemos (re)viver e separar cada instantes e destaca-los de modo distintos e ao mesmo tempo significativos para a minha formação e sobre a história da qual quero levar como relevância.

Entretanto, é impossível não cita como se deu seu ingressar na UFERSA sem toca no percurso anterior. Portanto de concordata com seu pensar e narrar, são historietas sempre fortes não só

nesses rabiscos, no entanto, cada instante foi sendo conservadas em suas memórias e nunca expostas o que a levou ao *ato* que será apontado logo abaixo, deste modo pode se dizer que “as palavras não são apenas uma representação da realidade, mas uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso” (PASSEGGI, 2011, p. 148). É, as palavras além de transcrever os momentos, é uma forma de esvaziamentos de sentimentos e acontecimentos presos que estão promovendo um esgotamento mental como é o caso que cito. Portanto é através das palavras que busco descrever as experiências de vida pessoal e educacional objetivando um discurso entorno da/dos acontecimentos vividos, experienciados.

Buscando deixar claro o seu ingressar, destaca que no ano de dois mil e quatorze, após, o nascimento de meu filho Pablo Germano, o seu corpo não mais amparou as dores. e em busca pelo alívio, o afastamento total do mundo e todos, apenas meu esposo e meus filhos eram meu refúgio diário, mas, não o suficiente. Trancada entre quatro paredes me viu sem sonhos, paz, sem vida. Aos dezoito dias de resguarde meu corpo desistiu de viver e buscando suprimir as dores o seu esgotamento físico e mental o “enforcamento” foi sua “tentativa” de alívio, não por ser fraca, sem Deus ou frescura, é só teu corpo e mente que não aguenta mais.

Como destacado acima “tentativa” porque em meio ao seu desespero o fio que lhe envolveu enquanto buscava calar suas dores se rompe e uma segunda chance é concedida a viver.

Hoje, vejo a vida e busco diariamente viver, a oportunidade de reviver a vida com outros olhos, com um sentido voltado a tudo vivenciado. Quando, no chão me vir, entre a desesperança contida nos olhos dos meus filhos, esposo e cunhada, as lágrimas, o nó na garganta e ainda entrelaçado por um fio, a dor do respirar, me vir pela primeira vez viva, e agradecida a Deus, aos orixás por me ampararem e não desistirem de mim. Foram dias de sofrimentos, onde dormia sentada, porque o ar me faltava, quando meu corpo descansava. Na profunda angústia, os dias se passavam. Eu me via isolada sem perspectiva de vida. Até que certo dia a esperança na minha porta batia, mesmo sem saber de nada do que ocorria, Isabella Medeiros (vizinha) me trouxe um propósito para viver e não desistir de mim, me incentivando a se inscrever no processo seletivo da Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, que se encontrava aberto. Ela fez a minha inscrição; arrumou toda a minha documentação para que eu não desistisse. Ela também se matriculou e matriculou a sua ex-companheira. Conseguiu transporte para o dia da prova; ela sabia mesmo que se passasse ela não poderia permanecer já que ela era graduanda do curso de direito pela UFERSA (Autora 2023).

“A vida está submetida às influências, às pressões das circunstâncias que advêm de um tipo de evento[...]”. (BATISTA NETO, SANTIAGO, 2015, p. 10) assim foi o que levou a autora dessa pesquisa a buscar o que foi relatado. Então, dentro dessas circunstâncias ela viu

Izabela Medeiros como sua “autoajuda” que tanto precisava. “Mesmo sem saber que chegou no momento mais doloroso que me encontrava (autora 2023), ela foi uma ajuda que tanto precisava, autora diz ainda que esses momentos de sua história deram a ela um novo significado, que isso tudo “fez enxergar que diante todas as dificuldades enfrentadas durante minha infância, minha adolescência, pelos maus tratos também na fase adulta podem e devem ser trabalhados dentro das instituições de ensino” (autora 2023).

Parafraseando a ressalva o que autora destacou é que esses acontecimentos são grandes pretextos ou uma gota d'água para suprimir, uma vida. “[...] São os eventos “choque”, pontos de inflexão na vida, momentos de crise que arrastam os indivíduos da rotina” (BATISTA NETO, SANTIAGO, 2015, p. 10). O que é entendível dentro dessas explicações que as instituições deveriam buscar entender ou conhecer seus alunos/as mais aprofundados, porque assim como a pesquisadora muitos tem algo que vai além do contar.

Até esse momento, me via perdida em um mundo de tristeza, onde as marcas provenientes do meu passado deixaram minha mente diariamente viver em batalha. Tento não tocar no assunto. Muitos momentos fui jugada ou condenada por aqueles que não sabem de nada. Para não afligir meus dias, pensamentos e meu coração, muitas vezes me joguei deixando se tornar pano de chão, para limparem suas próprias sujeiras (autora 2023).

Para Moraes (2004), ao contar sua história, o sujeito narra sua trajetória de vida e começa a resgatar um pouco do sentido dado ao longo dessa trajetória; mas não só isso: começa também a redefini-los, reposicioná-los e, o mais importante, a servir para que as histórias construam novos significados.

A narrativa não é simplesmente uma narrativa de acontecimentos, ela permite uma atitude reflexiva, reconhecendo os fatos que de fato constituem a própria formação. Compartilhar histórias de vida permite a quem conta suas histórias refletir e avaliar um caminho, entender o que ele significa entender as nuances desse caminho percorrido e reaprender com ele. E quem lê/ouve a narrativa pode perceber que a sua história se cruza com a da narrativa de alguma forma, ou lugar, ou sentido. Além disso, abre a possibilidade de aprender com experiências que não só constituem uma história, mas também o cruzamento de uma história com outra.

7.2- Contextos Institucional

“Mas existe uma segunda alternativa: lutar, lutar mais ainda [...]” (SOUZA, 1983, p. 43).

Bem como cita a autora Souza, a pesquisa mostra exatamente essa busca diária da pesquisadora “eu” em sua narrativa, que é narrar sobre a totalidade entorno da sua história, assim descrevo também essa luta que esta e permanecer em luta diária dentro desse espaço “universidade”, aqui buscando sintetizar sobre esse espaço que é abrangente, mas, a proposta é destacar aqui alguns pontos importantes durante essa etapa na instituição.

Assim, como qualquer outro espaço que receba uma diversidade cultural de sujeitos/as de práticas e pensamentos distintos, assim como tem falhas, tem seus acertos, e é nesse ponto que adentrar a narrativa, destacando eventos, esportes, bolsas (auxílios), porque nada aqui se fez só, nem tão pouco os momentos dessa narrativa (auto)biográfica, porque, “a autobiografia como a biografia focalizam a história individual. Entretanto, em uma perspectiva dialética, compreende-se que o individual está posto num processo coletivo de constituição. Nesse sentido, a narrativa é sempre plural” (BRAGANÇA, 2012, p. 51).

Destaca-se ainda o (esporte), que se trata de outro programa que visa apoiar os estudantes (esportistas), onde teve oportunidade de praticar as aulas de boxe, ali colocado para fora energias negativas, como ela diz que “o corpo e a mente sentiam-se aliviados” o contato com outros alunos de cursos diferentes, novas amizades, a comunicação com amigos/as de turma foi importante para os momentos que sentia cansada, vontade de desistir, as horas que o coração acelerava, da falta de ar, tudo era importante para continuar, e no esporte conseguiu ocupar o tempo vazio entre as aulas da manhã e as da tarde.

Ainda que essas iniciativas sejam pensadas no desenvolvimento esportivos de alunos/as da universidade, aluda falhas, no sentido do refletir os horários destinados para os alunos que querem praticar os esportes, porque são oferecidos horários que não condizem com os alunos da LEDOC na maioria, a não ser que ele tenha horários entre manhã e tarde e nem sempre quando faz troca de professores o horário é diurno, deveriam pensar na importância que a prática do esporte tem para quem passa por problemas psicológicos, rever não só um horário, mas, três pelo menos, e na possibilidade no aumento da quantidade de vagas destinadas. Para que mais alunos tenham oportunidade.

Outro ponto ajudou na permanência na universidade foram as bolsas estudantis, no caso (auxílio creche), que teve direito de recebê-lo até seu filho completar cinco anos. O

referido auxílio foi usado para pagar uma pessoa para olhar/cuidar do filho enquanto não fazia presente por decorrência das aulas na universidade. O auxílio creche como outros auxílios não tem um valor plausível, mas, que ajuda não só as mães estudantes que são oriundas dos campos, mas, também a todos os alunos que necessitam permanecer na universidade driblando as suas dificuldades.

São grandes seções que englobam a UFERSA, e cada um/a pensados na melhoria, na qualificação profissional na universidade, sendo apontada entre as melhores universidades não só do Estado, mas, está entre as melhores do mundo, e não menos importante está o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC) existente desde ano de 2013, que tem a nota cinco na avaliação pelo MEC. Mônica de Almeida Santos (2017, p. 20) descreve que,

A Educação do Campo é uma modalidade educacional que vem se constituindo em meio a um processo histórico de inúmeros movimentos e organizações sociais, sendo pautada pela busca por avanços no que se refere a todo o processo relacionado a esse contexto. É caracterizada pelo princípio de que as pessoas que vivem no campo têm direito a uma educação de qualidade, pensada e dedicada especificamente para sua realidade, compreendendo não apenas o espaço geográfico, mas principalmente os aspectos culturais e sociais dos indivíduos.

De acordo com Monica Castagna Molina (2015) os cursos de Licenciatura em Educação do Campo surgiram pensados a parti das demandas dos movimentos sociais. Destacando ainda que “Pronacampo, que objetiva oferecer apoio técnico e financeiro aos estados, Distrito Federal e municípios para implementação da Política Nacional de Educação do Campo, devendo atender Escolas do Campo e Quilombolas[...]”, (MOLINA, 2015, p.147).

As LEDOC's foram pensadas para as escolas de Educação Básica tanto no âmbito do Ensino Fundamental quanto no Médio. Mônica de Almeida Santos (2018, p. 14) diz que; “Educação do Campo é um conceito teórico e político utilizado para se referir aos processos educacionais que acontecem nos espaços caracterizados como zonas rurais[...]”. Uma modalidade pensada nos sujeitos/as que teve sua educação deixada de lado ou em um segundo plano, dentro de tantas lutas essa é uma das conquistas que os camponeses vêm garantindo ao longo de sua história. Rodrigues e Bonfim (2017, p. 1374) delineia sobre essa educação que é pautada para um “público específico” e destaca que é preciso que seja uma educação destinada para “cultura e identidade”, para que isso garanta a esses sujeitos/as um valorização e enriquecimento de sua cultura camponesa como destaca os autores onde diz “que

historicamente foi e, ainda é menosprezada e subjugada pelas pessoas do meio urbano”. (RODRIGUES e BONFIM, 2017, p. 1374).

Assim, vale corroborar sobre o curso de Educação do Campo, em contexto histórico geral e o da Universidade Federal Rural do Semi-Árido em particular. Quando propunha essa pesquisar sobre “si”, não cogitava uma escrita tão distinta de momentos ao mesmo tempo peculiar. Discorrer sobre o se, sem a Educação do Campo, é o mesmo que descrever sobre o mar sem o oceano “inseparável”. Essa afirmação parte da própria autora que não se ver indissociável do curso, para ela, não existi o se de hoje sem a participação da LEDOC, desta forma o curso é parte importante no processo evolutivo pessoal e profissional.

Mesmo que confrontar a lógica que impede os trabalhadores de ter acesso pleno à educação básica ainda não seja a "revolução brasileira", a solução desse problema é essencial para a superação do capitalismo. No plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo visa recuperar o vínculo fundamental entre formação humana e produção material da existência, além de conceber uma intencionalidade educativa voltada para novos padrões de relações sociais, trabalhando em conjunto com novas formas de produção, trabalho associado livre, valores e compromissos políticos, e lutas sociais que enfrentam as contradições presentes nesses processos (CALDART, 2012).

Cursar a Licenciatura em Educação do Campo pela UFERSA é indescritível, este curso a edificou como ser humano quando não tinha propósitos de vida. Em meio a sujeitos/as de distintos espaços geográficos, culturas, vivências e experiências, me renovaram não só como pessoa, mas, também como sujeita de mudanças e de autotransformações.

Dentre os apontamentos percorridos em todo corpo textual dessa pesquisa, as lembranças, descrevem sempre os momentos positivos e as “dificuldades”, que não foram diferentes em cursar a educação do campo. Ressalvar essa etapa é lembrar novamente cada momento, desde início do curso existiu sempre uma briga constante do si interior no qual a autora se encontrava vivendo por ter pouco tempo que tinha passado por uma tentativa de suicídio, e das outras que rodeavam como algumas são apontadas anteriores e logo abaixo em seus grifos, tais com;

com quem deixar o filho que ainda bebê, e os outros dois que eram de menores, essas foram batalhas diárias desde o levantar as quatro horas da manhã para deixar tudo pronto ou meio caminho andado dentro de casa para filhos, esposo. Muitas vezes que deixei eles só, no cuidado da minha filha de quinze anos chamou o conselho tutelar, outros momentos pedia a família e nem sempre era possível ou até mesmo era avisado no momento das minhas saídas o que impedia meu ir à universidade. Também tinha a

questão do locomover até a saída para pegar o ônibus, nem sempre o ônibus estava disponíveis para realizar esse trajeto das comunidades Areias Alvas, Valença e Córrego até a saída de Grossos para realizar o baldeamento para o ônibus universitário, outros dias ele se encontrava quebrado o que impossibilitava chegar à faculdade. (relatos da autora 2023)

Além dessas ementas, a outros entorno das possibilidades que constituíram sua primeira formação acadêmica. Durante o cursar Educação do Campo, aconteceram momentos de grandes possibilidades, talvez, não as teria fora da universidade conforme é relatado a seguir;

Por vim de uma família humilde assim como muitos ou talvez 98% dos colegas do curso também sejam, mas, por estarmos ou termos nascido em tempos diferenciado, as possibilidades em torno da formação se tornaram favorável, talvez seja por essa razão que agarrei-as todas como se fosse “única”, cada aula, microaulas, aulas de campo, estágio, residência, auxílios, viagens e visitas a lugares que eu não sei se seria possível se não estivesse na UFERSA. Dentro do curso tive diversos momentos de trocas de experiências tanto no campo “prática” quanto no contato humano com diversos sujeitos/as no âmbito institucional quanto naqueles que foram nos possibilitados perante o período pandêmico. Dentro desse contexto tiveram muitos momentos de possibilidades que agarrei-me a eles, como; eventos nacionais e internacionais e dentro deles conseguir e além de ouvinte. São inúmeras possibilidades que me foram proporcionadas e se torna difícil destacar todas aqui. (relatos da autora 2023).

O que observamos aqui, é uma estudante, que dentre todos os seus obstáculos têm uma gratidão a tudo alcançado e conquistados durante sua formação, seja aos momentos simples de convivência entre os colegas e professores até suas próprias conquistas advindas da sua graduação. Diante todo esse processo de formação, se faz uma ressalva sobre a estruturação do curso (tempo universidade; tempo comunidade) o que implicou na formação.

De acordo com a narradora esses momentos que fazem parte da grade curricular do curso, favoreceram, por se tratar de um tempo em que parte é exercida na instituição e outra em sua comunidade (residência). Assim, é possível realizar tarefas acadêmicas sem deixar de lado os afazeres familiares e agrícolas.

Diante de todas essas explicações ainda é pertinente destacar as disciplinas, cada uma com sua especificação, onde docentes ministram cada um/uma com seu plano e metodologia distintos. Cada semestre uma nova carga horário e novo propósito a ser alcançado, seguindo esses ditos, relate-se as experiências, as vivências diante as atividades propostas.

Perante essas afirmações, sentiu-se necessidade de narrar como é Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo como já foi supracitado e como é ser aluna desse

curso? Respondendo de forma breve é destacado, que vai além de estar em sala de aula, são registros vivos de cada dia, dos momentos, são lembranças que foram guardadas de experiências de novos conhecimentos adquiridos solos e em conjunto com os outros sujeitos/as que faziam parte do curso, da universidade geral e daqueles que foram além do esperado.

Cursar essa graduação é agregar uma nova subsistência a realidade do “si”, como pessoa, como sujeita, como mulher negra, mãe e residente de um espaço geograficamente discriminado ou esquecido pelos representantes políticos. Esses campos são cobertos de particularidades, e são desses campos que os alunos da Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido faz com que ele exista, amparados de distintas realidades, onde cada um/uma são instrumentos de partilhas de novos saberes. Cursa educação do campo é, ter esperança que o “campo” é o caminho de mudança.

Dentre essas narrativas entorno da Educação do Campo e do cursar, vale adentrar no falar da equipe docente no geral, é difícil falar de uma equipe que tem “mestres, doutores, pós-doutorados” sem destacar um/uma que tem um significado maior nessa história escrita durante esses momentos do percurso formativo na universidade.

Por tanto, os docentes que compõem a equipe do curso são responsáveis por todo processo de aprendizagem e formação de um grupo de discentes que estão sendo preparados para enfrentar para além do cursar uma graduação, são docentes que planeja fazer cada aluna/o um/uma sujeito/a crítico e capaz de entender e de se reinventar a partir das dificuldades que irão surgir nessa profissão da docência, principalmente para quem vai atuar no *campo* que historicamente enfrenta e tem realidades diferente das escolas urbanas.

São docentes inestimáveis que na concepção me preparou como uma grande docente (futura) que antes era uma pessoa marcada de experiências *positivas* e *negativas*, mas, não mais como antes, porque junto com eles aprendeu a ressignificar sua história e a fazer das *pedras* um novo caminho. Para autora “não existe **eu** no hoje sem a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, nem a universidade sem discentes e nem discentes sem docentes”, ainda indaga dizendo “narro dessa forma, porque somos um grande grupo que compõem erros e acertos, mas, temos uma potencialidade histórica e estamos sempre em busca de ser melhores, e é na prática, no diálogo e na troca de experiências que seremos docentes melhores do que imaginava”. Porque aprendemos com erros e acertos juntos de cada um/uma docente do curso Educação do Campo.

Entretanto o curso fez adquirir experiências que antes não cogitava existir como; a valorização das vivências prévias de cada sujeito, das aulas de campo Interdisciplinar, das

elaboraões de projetos visando sempre o Campo, de aulas trabalhadas com outras disciplinas e áreas diferentes, assim como outras experiências proporcionada pelo curso de forma geral, teve implicaões na vida tanto pessoal como profissional, como pessoa passou a enxergar os sujeitos com outro olhar numa perspectiva diferente e profissionalmente (re) ver que tipo de docente vai ser.

Ter feito parte de uma instituição pública como a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, só tenho a agradecer a mim primeiramente, por não ter desistido, à Izabela Medeiro por ter me apresentado o curso e pela motivação que a mim dedicou, à UFERSA propriamente dita por fazer parte da minha história de superação e por me proporcionar momentos únicos como conviver e aprender com docentes inestimáveis e discentes de vivências distintas “Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens [...]” (PASSEGGI, SOUZA, VICENTINI, 2011, p. 371). Para Bragança (2012, p. 88) “-a perspectiva de trabalho, por meio da história de vida, indica a possibilidade de reconstruir as imagens do passado e do presente, abrindo canais para revitalização pessoal, profissional e, potencialmente, social.” As histórias de vida têm um cruzamento fundamental de reflexão para revisitar e refletir sobre as múltiplas relações da vida, o que torna a formação docente libertadora, porque ilumina as dimensões ontológicas, pedagógicas e sociais do estar com os outros (ROZEK, 2013).

7.3 Educação do Campo biograficamente em múltiplas ocasiões

7.3.1 Educadores na teoria e prática metodologia

Nesse subtópico, reservado, a narrativa da importância que um educador tem quando em suas disciplinas trabalha a teoria e prática metodologicamente, proporcionando aos sujeitos/as do campo a valorização de suas vivências, permitindo-os a realizar/em trocas de seus saberes na graduação.

O curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo composto por grandes educadores sejam eles permanentes ou de curto tempo, mediaram momentos de trocas de novos saberes de relevâncias únicas para a formação como futura educadora do campo.

Os (pre)conceitos que guiam nossa ação no mundo e que foram construídos na interação com tradições herdadas e reconstituídas povoam nossa existência de dilemas, de sentimentos de inadequação e/ou de adequação aos ambientes sociais e criam zonas de conforto e/ou de desconforto. Se somos filhos de nosso tempo, mais do que filhos de nossos pais, a ressignificação da experiência vivida, durante a formação, implicaria encontrar na reflexão biográfica marcas da historicidade do eu para ir além da imediatez do nosso tempo e compreender o mundo, ao nos compreender: Por que penso desse modo sobre mim mesmo e sobre a vida? (PASSEGGI, 2011, p. 149).

Narrar o que pensa ser significativo para a formação durante esse período em que cursou a graduação na UFERSA na compreensão todos e todas eles e elas elaboraram seus planos de ensino e aprendizagem pensando ser o melhor para seus alunos; não constitui serem certos ou errados; alguns tiveram grandes acertos e outros menos.

Refletindo nesse motivo é buscado descrever e “reunir algumas contribuições que permitam compreender melhor o memorial de formação como gênero textual privilegiado para que os educadores. Enfrentando o desafio de assumir a palavra e torna públicas suas opiniões, inquietações, experiências e memórias, escrevam sobre os processos de formação e a prática profissional” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 46). Homogeneamente, os eventos narrados nas histórias derivam seu significado do todo. O conjunto dessa narrativa é tecido a partir de partes selecionadas, assim, a narrativa não é simplesmente produto do ato de contar, mas tem o poder de influenciar seu conteúdo narrativo (SOUSA, CABRAL, 2015).

Ser um bom docente não é ter cem por cento de acerto ou facilitar a aprovação de um aluno; ser um bom/boa aluno/a não está em tirar um dez, e sim, no compreender desses processos acadêmicos e no que extraiu e construiu para sua vida pessoal e profissional. “O que seria do homem sem as suas vivências? E o que seriam suas vivências sem que fossem narradas? Se refletirmos bem, considerando a epígrafe deste espaço de discussão, a narrativa é o lócus em que a vida faz sentido para aqueles que a protagonizam” (SANTOS, TORGA, 2020, p. 120).

Os docentes da Educação do Campo-UFERSA/Mossoró, mediam as aulas com uma perspectiva de “mudança” do pensamento de seus alunos, para enfrentarem criticamente os obstáculos que a profissão tem, sejam os docentes com vastas metodologias ou aqueles que têm apenas um método, todos trabalharam com um único objetivo o “aluno”, e “como todo processo de aprendizagem, essa construção da experiência biográfica tem suas áreas de sucesso e de fracasso [...] cada uma delas não outorga experiência nem ensina da mesma forma”. (DELORY-MOMBERGE, 2011, p. 343).

Por essa razão teórica e metodológica será explanado disciplinas que tiveram um impacto enquanto aluna e que frutos foram colhidos.

Assim, foram as aulas de cada docente do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo-UFERSA-RN. Por essa razão, pensando nos momentos guardados nas lembranças e nos momentos que cada aula nos propôs, será descrito logo abaixo algumas delas e nas significâncias no aprendizado e nos frutos colhidos. Aqui, é deixado apontamentos sobre a disciplina Método do Ensino de Geografia, ministrada pelo docente José Erimar dos Santos no período pandêmico que vivenciamos entre os anos 2020 e 2022. Pensando nesse contexto Santos e Araújo (2021, p. 671) descreve que o “momento atual em que estamos vivendo, uma pandemia pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), e trazendo para a presente discussão, fica evidente a importância da internet e do quanto ela é indispensável.”, e foram assim as suas aulas, capazes de nos unir e em meio aos obstáculos tecnológico, nos permitindo que os discentes elaborassem materiais didáticos para ser utilizados nas microaulas como estar exposta na **(FIGURA 7)** o docente ministrou a disciplina sem ser insuficiente.

Figura 7 - Construção didática para a microaula



Fonte: Autora, 2020.

Diante os métodos e a forma avaliativa, o docente José Erimar dos Santos, nos trouxe, metodologias diferenciadas, enfrentamos obstáculos tais como; semestre com menor tempo, falta de contato, as dificuldades no uso da tecnologia a ser vencida. Mesmo assim, foi possível colher frutos. Após o término da disciplina Métodos do Ensino de Geografia, foi construído um trabalho em conjunto com o docente já supracitado um relato de experiência no qual foi apresentado no primeiro “I Congresso Latino-Americano de Geografia” onde vem sendo

registrado na **(Figura 8)** onde o evento foi organizado pela Universidade de Santa Maria no dia 14 de junho do ano de 2021.

Figura 8 - Registro do dia da apresentação no I Congresso Latino-Americano de Geografia



Fonte: autora, 2021.

Toda essa mudança na área da educação que envolveu os/as alunos e docentes e todo o meio educacional, aonde fomos nos levados a se adaptar, buscar e a enfrentar as barreiras proporcionada pela pandemia, destaca a autora a sua satisfação em ter cursada a disciplina e ter obtido para além do meu conhecimento dentro da universidade, a oportunidade de estar apresentando seu segundo trabalho acadêmico.

Descrever o vivenciado em uma/umas disciplina/as no período de pandemia ou não, não se trata de expor a melhor, mas, o quanto ela/as foi/foram importante no que diz respeito como futura docente.

Outra disciplina como teor metodológicos que impulsionou a sua vida como futura docente foi, Programa de Saúde para as Populações do Campo ministrada pelo professor Alexandre Iris Leite, uma disciplina ministrada no mesmo período no qual a pesquisadora pagava o Estágio Curricular três na Escola São José localizado na comunidade do Córrego na cidade de Grossos-RN, a disciplina além das aulas teóricas em sala tem na metodologia o objetivo de criar um projeto de intervenção visando a saúde dos sujeitos, além da escola, o projeto foi apresentado em sala de aula como estar sendo exibido na **(Figura 9)** para finalizar o período letivo dentro da universidade.

Figura 9 - Apresentação do projeto de intervenção na socialização da LEDOC

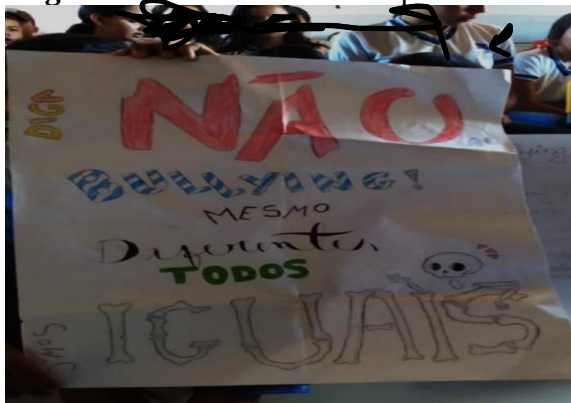


Fonte: autora, 2019.

Durante as aulas teóricas e práticas em sala o professor Leite se une com os alunos para que cada um fale a sua cidade e sua comunidade, logo depois é feita a escolha para que cidade será elaborada o projeto. Diante disso, foi escolhida a Escola São José na comunidade do Córrego que fica localizada na cidade de Grossos no Rio Grande do Norte, pensando nesse diálogo de sala, a autora propôs aos colegas do grupo que fosse criado um projeto em torno do bullying e na depressão oriunda desses acontecimentos, a escolha se deu porque durante as aulas de estágio, foi possível observar algumas ocorrências sobre o *bullying*, para falar sobre o assunto foi convidado para a palestra três funcionárias da área da saúde; a enfermeira responsável pelas UBS, a psicóloga Silva e também a agente de saúde daquela comunidade.

Antecipadamente ao dia da apresentação do projeto de intervenção foi conversado com as turmas para que elaborassem frases, cartazes e uma paródia em torno do tema, alguns alunos apresentaram, e um dos cartazes que vem sendo exibido (**Figura 10**) chamou a atenção porque se tratava de um cartaz anônimo deixado entre os outros que já estavam lá.

Figura 10 - Cartaz elaborado por um aluno



Fonte: Autora, 2019.

Dentre tantos momentos é destacado ainda que nesse processo de formação colhesse outro fruto onde foi elaborado um artigo elaborado pelo professor docente da disciplina e publicado na revista Arco Editora em formato de capítulo de livro em conjunto com a autora e com outras duas colegas do curso que a mesma disciplina em períodos distintos, o artigo faz e traz apontamentos e imagens das comunidades de cada coautora. A autora elaborou um resumo expandido sobre a disciplina, para ser apresentado no quarto SIFEDOC, o encontro da educação do campo pela universidade Unioeste no Paraná. “A história é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias.” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 45)

Assim como é apontado na citação que o tempo é responsável por nossas histórias é destacado uma outra disciplina Metodologia do Ensino da História, ministrada pela docente Kyara Maria de Almeida, que proporcionou uma diversidade de metodologias aplicadas na sala e nas aulas de campo. Durante as aulas em sala, a docente ministrou várias formas, cada aula um dia diferente proporcionado pelas metodologias, mas, para narradora a aula de campo que ocorreu no Lajedo de Soledade⁸ que fica localizado na cidade de Apodi RN lhe permitiu um novo olhar para ministração das suas aulas como futura docente, além da aula citada as microaulas foram além de suas expectativas, levou a desafios desde a elaboração da aula até a construção de um jogo didático chamado de “Ludo Histórico” onde vem sendo destacado na **(Figura 11)**, onde foi abordado o assunto sobre os impactos que são oriundos da produção do sal na cidade de Grossos.

Figura 11 - Registro didático da microaula na semana de socialização da LEDOC



Fonte: Autora, 2019.

⁸ O Lajedo de Soledade é um importante sítio arqueológico localizado na região Oeste do Rio Grande do Norte, no município de Apodi, situado a 12 km do centro da cidade. A região tem cerca de 33 mil habitantes e está a aproximadamente 335 km de Natal, o que leva em torno de 4 horas e 30 minutos de carro, e a 76 km de Mossoró, a segunda maior cidade do Estado. Este sítio, que se estende por uma área de dois quilômetros quadrados de rocha calcária do período Cretáceo Superior, foi quase destruído pelos produtores de cal da região, mas foi salvo graças à intervenção de geólogos da Petrobras e da população local no início da década de 90. O Lajedo é composto por um mini cânion com cavernas e fendas, formado pela erosão da água das chuvas na rocha calcária, onde se encontram gravadas as pinturas rupestres. Essas pinturas retratam figuras de espécies como araras, papagaios, garças, lagartos e formas geométricas. Além disso, o Lajedo é uma fonte importante de conhecimento científico para centenas de pesquisadores, inclusive de renome mundial (LS, 2022).

As experiências nesse processo metodológico e avaliativo constituídos nas disciplinas cursadas, na compreensão mais significativa dos conteúdos de acordo com as “memórias” narradas durante a pesquisa, foi encontrado diferentes metodologias usadas por cada docente, permitindo ou não assim melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos discentes. Nesse subtópico, ao descrever as memórias afetivas de dias de observância diária dos mestres e do seu modo de trabalho, fez entender a importância das vivências, dos diversos sujeitos de culturas diferentes em uma única sala de aula.

7.3.2 Aulas de Campo

“Em todos os casos, a escrita de si é considerada como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal. Consideramos que escrever e interpretar o que foi significativo para determinar modos de ser, seja como aluno seja como professor-pesquisador-orientador, são, ao mesmo tempo, atividades formadoras e podem dar acesso ao mundo da academia visto pelos olhares de seus protagonistas”. (PASSEGGI, SOUZA, VICENTINI, 2011, p. 373).

De acordo com o que foi mencionado pelos autores, ao descrever suas histórias acadêmicas o narrador dá ao mundo uma visão de como foram suas experiências, a partir do próprio ponto de vista. Descrito por Sousa e Cabral (2015) contar história tem o poder de influenciar os acontecimentos ao qual descreve. Entretanto, este subtópico está destinado as narrativas de vivências enquanto aluna.

O objetivo deste subtópico é relatar a importância que as aulas de campo tiveram, e não descrever cada uma delas, alguns acontecimentos foram de grande importância para a formação como futura docente, por proporcionar concepções sobre a área de atuação e como trabalhar a interdisciplinaridade e o contato com os sujeitos e suas experiências.

Assim, os alunos do curso de Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido são postos em contato com sujeitos e sujeitas com diferentes relatos de vivências e práticas, onde cada um/uma discente, são levados a conhecer e aprender um novo saber, e é durante esses momentos que eles são instigados a partir do vivido a serem e a pensar naqueles sujeitos com outro olhar e a enxergarem o *campo* como lugar de mudanças, a valorizarem a história de seus familiares e de outros camponeses.

Além, de aulas práticas no campo onde a maioria dos alunos da LEDOC é oriundos, esses discentes têm aulas dirigidas em diferentes contextos, mas, que levam a uma reflexão sobre o que vivenciaram durante as aulas. Sejam as aulas realizadas em escolas objetivando

observações onde as quais levam a criar um determinado projeto de acordo com a escolha e as observações realizadas, também são levados a viagens de campo tais como alguns exemplos serão citados logo abaixo:

- A aula realizada em 2018 na reserva de Mata Atlântica que fica localizada na praia de Pipas no Rio Grande do Norte,

- A aula realizada em 2017 no Museu do índio na cidade de Apodi também localizada no Rio Grande do Norte;

- A aula de campo realizada em 2017, realizada na cidade de Apodi onde os alunos foram levados há um sítio para conhecer a criação de camarão e peixe no mesmo no mesmo tanque e o que é realizado com as águas da troca desses tanques para onde essas águas eram destinadas, dentro dessa aula também teve a oportunidade de os discentes conhecerem o agricultor que faz seleção das sementes crioula localizado na comunidade rural do Góis;

- A aula de campo que teve grande significado foi à aula de libras EM 2017, onde a docente levou seus alunos para uma escola bilingue localizada em Fortaleza lá os alunos pode conhecer e ter contato com todos que faziam parte do corpo institucional onde 98% deles era composto pô sujeito e sujeitas surdos;

- A aula de campo que teve uma importância na aprendizagem como discente foi a viagem em 2018 para conhecer a escola do campo Situada no Assentamento 25 de Maio na comunidade de Quietão que fica localizada na cidade de Madalena no Ceará, a escola foi construída pela luta do Movimento Social dos Trabalhadores Rural;

- A aula aqui destacada foi em 2019, a aula presenciada no “Lajedo de Soledade” vem sendo referida em nota de rodapé anteriormente, nessa aula os alunos visitaram aquele espaço, e em curso seguem ao museu que também fica localizado no Lajedo de Soledade e para finalização desta aula visitam a barragem de Santa Cruz. Dentre os percurso os alunos foram apresentando os determinados tema escolhido previamente ainda em sala em conjunto com a docente da disciplina, e durante esta aula realizada na cidade de Apodi, a autora dessa pesquisa finalizou essa aula de campo junto com outros colegas, onde falaram da historicidade da barragem de Santa Cruz. Assim, como essa aula a autora destaca outras a seguir;

- A aula prática proporcionada na Associação de Pescadores ocorreu em 2018, na comunidade praieira de Redonda que fica localizada na cidade de Icapuí no Ceará, o objetivo dessa aula era fazer com que os discentes conhecessem a luta daquele povo por reconhecimento, não somente por nativos, mas valorização da sua cultura pesqueira, história local e turística;

- A aula de campo realizada na cidade de Angicos-RN em 2017; onde foi possível conhecer uns dos ex-alunos de Paulo Freire e, entre eles estava a aluna conhecida como (a menina dos meus olhos) como foi mencionada pela mesma diante todos que se encontravam naquela sala, na **(Figura 12)** a autora assinala um desses registros desse momento formativo.

Figura 12 – Imagem de uma aula de campo



Fonte: Acervo da autora, 2018.

O que se observa aqui nesses aportes são a diversidade de metodologias trabalhadas e pensadas para os alunos da Educação do Campo. As metodologias são importantes no processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos.

No tópico seguinte, a autora vai narrar sobre os estágios vivenciados por ela em quatro etapas, cada uma delas corresponde a um estágio supervisionado onde eles foram realizados em instituições distintas, ambas, realizadas dentro da cidade de Grossos.

8 PROCESSOS FORMATIVOS EM ESTÁGIOS (LEDOC) E NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (CAPES) TEÓRIA E PRÁTICA NA DOCÊNCIA

Além das aulas de campo, outro ponto fundamental, tanto na minha vida acadêmica, quanto na vida pessoal, foram os estágios⁹, onde ambos têm uma carga horária de 135h divididas em teórica/orientações e 120h práticas. Aonde cada momento enriqueceu as minhas experiências, todos os fatores e obstáculos tornaram contribuições fundamentais para minha formação.

As experiências vivenciadas nesses períodos como estagiária, nesses espaços escolhido para o seu procedimento acadêmico formativo, moldaram o jeito de agir e de pensar, passando a ver as particularidades como vantagens. Essas experiências alteraram a forma como via o mundo, além de reforçar os momentos decisórios no futuro como docente e o que propunha alcançar como uma futura professora, assim autora dessa pesquisa diz que “pensando na formação como docente do campo, busquei em cada prática enriquecer os meus conhecimentos e apreciar os sujeitos que faziam parte do espaço destinado ao estágio, em cada semestre estagiei e encontrei dificuldades, principalmente na liberação para concretização no espaço escolar.”

Nos subtópicos abaixo são descritos cada um desses estágios separadamente, apontando momentos positivos e o que foi aproveitado deles, mas, deixando os ditos dos negativos.

8.1 Estágio curricular supervisionado - comunidade: Projeto Realizando Sonhos Grossos/RN

Primeira, deixo descrito que meu anseio, era concretizar o estágio na Assistência Social, mas, na procura pela liberação da prática dessa etapa do curso, me deparei com a falta de interesse dos que ali faziam parte da organização. A meta pensada previamente para realizar durante esse estágio era conseguir elaborar um projeto de finalização em torno das mães com crianças e jovens que faziam uso de drogas, porém, de acordo com a atendente do espaço, não existia nenhum projeto ou ação voltada para estes. Conversando com ela entendi

⁹ De acordo com PPC_LEDOC (2019, p. 66) Por sua natureza é obrigatório e deverá proporcionar ao(à) discente a leitura e a compreensão da realidade sócioespacial e educacional onde está inserido (as), despertando-o(as) para o compromisso com a transformação social.

que não seria possível qualquer ação ali, pois, precisava da liberação da ex-primeira-dama da época.

Diante disso, foi buscado uma alternativa indicada por uma colega, que me recomendou o Projeto Realizando o Sonho no qual destacarei logo abaixo.

Iniciando a escrita é ponderado o primeiro estágio, que foi efetivado no espaço não formal, ambiente conhecido como Projeto Realizando o Sonho, criado por uma ex-vereadora da cidade, com finalidade de ajudar crianças com deficiências, principalmente crianças autistas.

Durante essa etapa na Instituição, foi possível conhecer histórias, vivência e situações de algumas pessoas nas quais a gestão municipal poderia fazer algo, onde a autora vem registrando na **(Figura 13)** a seguir o abandono de uma pessoa incapaz.

Figura 13 - Registro da moradia de uma senhora sem nem um recurso humano



Fonte: Autora, 2018.

O propósito inicial desse estágio era conhecer o espaço, as pessoas que estavam ali, as pessoas que faziam parte de forma geral, o atendimento que aquela instituição realizava, dentre eles, as ações que eram desenvolvidas para a comunidade.

Descrito pela autora que inicialmente tudo era perfeito, mas, conforme o tempo foi passando, foi percebendo como os estagiários e os voluntários daquele projeto era visto e tratados como objetos. Foi possível conhecer pessoas onde algumas ações eram destinadas a eles/as, outros nos quais fez parte também como: curso de macramê, pintura, maquiagem, grupo de dança, corte e costura, curso de artesanato em palha, distribuições de cestas básicas, alguns atendimentos envolvendo a área da saúde. Também, foi vivenciado organizações como; corrida de minibarcos e atletismo, ações voltadas ao esporte em datas comemorativas

como o Natal e o incentivo às crianças escreverem e se tornarem mini escritores como é destacado a **(Figura 14)** onde vêm ilustrado na imagem do seu filho no dia da publicação do livro.

Figura 14 - Publicação do livro criados por crianças



Fonte: Autora, 2018.

De acordo com as informações narradas pela autora, a conclusão desse estágio foi realizado em meio desafios e oportunidades, mas, a prática do projeto de intervenção em si, foi marcado pela desonestidade advinda da proprietária do espaço, que usou do seu poder e da sua ambição política, conforme as falas narradas pela autora, a dona do “espaço” usou a horta com fins político, divulgando em rádio e blogs. Ainda descrevendo as falas, a autora diz que o problema não está na divulgação do projeto, mas, ter dado o crédito a outra pessoa, pela construção e elaboração dele, na **(Figura 15)** é destacado um de seus registros durante a construção dos canteiros que fez parte do processo do seu projeto, assim é apontado por ela “autora” desse trabalho um funcionário da UFERSA como a pessoa divulgada responsável como elaborador do projeto.

Figura 15 - Construção dos canteiros no (Projeto Realizando Sonho)



Fonte: Autora, 2018.

Aqui é resumido o início de uma etapa acadêmica os “estágios”, e na sessão seguinte, será exposto novos apontamentos dessa continuidade vivenciados nesse mundo acadêmico onde a prática se faz necessária para os futuros docentes, aqui docentes do campo.

8.2- Estágio curricular supervisionado II- EJA: Escola Municipal Professor José Deodato Grossos/ RN

Nesse subtópico é descrito o segundo Estágio que foi realizado na Escola Municipal Professor José Deodato que fica localizado na comunidade de Areias Alvas na cidade de Grossos-RN. Durante essa nova experiência, as tarefas a serem realizadas foram compridas partes com sucesso até a concretização do projeto de intervenção. Antemão, a sua realização seria no espaço onde está localizado o II maior cajueiro do mundo que vem destacado na **(Figura 16)**.

De acordo com o relato, apesar dos desafios envolvidos nessa etapa, vale ressaltar também a participação e colaboração da antiga equipe da instituição de ensino, deixando frisado aqui, a ex-diretora Mônica Dayane Rodrigues de Paiva, que de imediato liberou o estágio, colocou a par das documentações nas quais se fazia necessário para registro de como: funcionava e era planejado as aulas, dias de planejamento, sobre a gestão, Projeto Político Pedagógica da escola dentre outros assuntos relacionados à “gestão”, desde do início tudo o correu bem, até, o exato momento de planejar e executar o projeto.

Durante o se fazer concretizar a intervenção, no pensar relevância de projeto voltado a comunidade e pensado no desenvolvimento turístico, no espaço para divulgação dos artesãos em conjunto com o pensar nas crianças da escola e nessa comunidade, não só no hoje, mas, também futuro, o projeto visava o meio ambiente no qual as crianças passariam a ter um dia voltado ao conhecer o que são e como fazer a separação adequada do lixo, duração de cada um deles, o que fazer em casa. Fora o momento de lazer, também, dentro do projeto estava previsto o envolvimento da comunidade no qual teria um dia voltado para eles com palestra na associação da comunidade e dentro desse contexto seria abordada a importância da preservação do cajueiro e o que estava sendo pensado para ele e seu espaço para ressaltar os artesãos da comunidade e para divulgar esse patrimônio público, mesmo estando situado em um terreno particular.

O projeto foi desenvolvido onde se fazia necessária colaboração de outros sujeitos e de atuação de entidades particulares e públicos. Diante disso, foi realizado um levantamento, descrição do que se fazia necessário para que o projeto tivesse pelo menos o início posto em

prática. Assim, foi feito convite a algumas pessoas para primeira parte do projeto limpeza do espaço, depois patrocínio de trator, caçamba, para retirada dos entulhos.

Foi conseguido moirões de cimento, tintas para a pintura dos mesmos com intuito de deixar o local com uma visualização alegre e destacável para visitantes; rolo de arames para troca do antigo e de início mais uma placa de sinalização do local, já que a antiga só é vista por quem vem de determinada entrada porque ela fica escondida entre matos, lixo e galhos.

Todo o processo descrito, boa parte foram conseguidos pela prefeitura do município, deixando declarado aqui, que a autora não faz parte de nenhum partido político onde envolvia ambas as partes. Por essa razão, acredita-se no desfecho que levou o término desse projeto de intervenção, onde o ex-prefeito já supracitado anteriormente, quando se fazia a limpeza da área para continuidade do processo, veio até o local e proibiu qualquer coisa que fosse ser feita no local, deixando como justificativa que os seus bens estavam embargados pelo poder judiciário para a fim de averiguação. A **(Figura 16)** a seguir aponta o exato momento em que o projeto foi interrompido de acordo com a narrativa da autora.

Figura 16 – Exato momento em que o projeto de intervenção do estágio II foi interrompido



Fonte: Autora, 2019.

Portanto, em lágrimas foi deixado o espaço com o medo de ser reprovada por não conseguir realizar uma das partes mais importantes do Estágio II. Para que isso não ocorra foi readaptado o projeto pensado nas crianças dentro da escola. Assim, o antigo projeto ganha um novo conceito “lúdico como ferramenta educativa” onde é ilustrado nas **(Figuras 17 e 18)** o momento em o projeto de intervenção é colocado em prática dentro da sala de aula.

Figura 17 – Material didático (ludo)



Fonte: Autora, 2019.

Figura 18 – Material didático (dama humana)



Fonte: autora, 2019.

Aqui ficou descrito mais um ciclo de estágio. São relatos da construção e das etapas desse processo que foram cumpridas pela autora. Nesses processos de ensino e aprendizagem adquirir contato com os sujeitos que iram fazer parte da sua profissão é essencial. Assim, os discentes irão no futuro entender exatamente as dificuldades que serão enfrentadas. Portanto, descrever cada estágio é permitir que outros entendam que não existe uma profissão sem obstáculos e em cada estágio é necessário apontar os seus processos positivos e negativos.

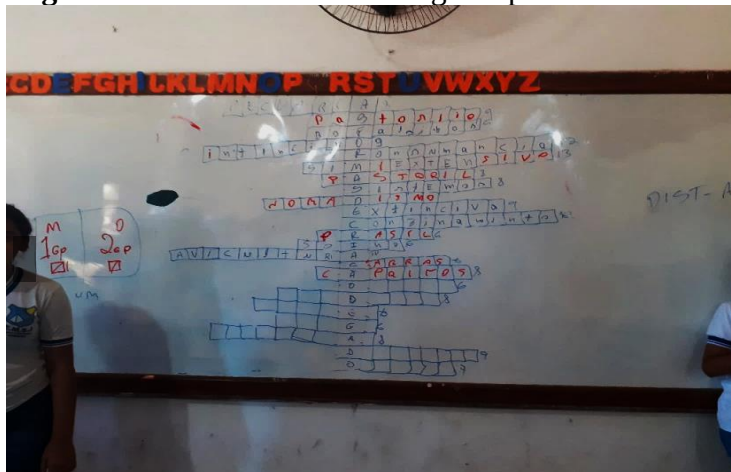
8.3 Estágio curricular supervisionado III- gestão e docência: Escola Municipal São José Grossos/RN

O estágio III, foi realizado em uma escola de Ensino Fundamental Anos Finais, a Escola Municipal São José, fica localizada na comunidade rural do Córrego pertencente a Cidade de Grossos-RN. Nesse período do estágio a autora (da pesquisa) chegou a trabalhar com a disciplina de Geografia com a turma do 6º ao 9º ano. Durante esses momentos teve como supervisor, o professor Paulo Reginaldo da Costa, que confiou permitindo assim uma autonomia total sobre cada sala e suas técnicas metodológicas que seriam ministrada pela discente estagiária.

Dentro de tantas dificuldades, a autora cita que a liberação foi a mais dificultosa. Narrar as memórias de uma determinada ocasião vivenciada durante a formação acadêmica é reviver os erros e acertos e permitir-se à autoavaliação desses processos. Quando procuramos selecionar um determinado momento e dificultoso, se trata de contar um ciclo com outro olhar, e nesse (re)contar podemos agradar ou desagradar alguém.

Buscando resumir esse estágio que foi para a autora o mais gratificante, além da liberdade permitida pelo professor Paulo Reginaldo da Costa, foi possível proporcionar momentos de liberdade e de criatividade de seus alunos. Além disso, ministrar aulas em quatro turmas de uma variação de idade e de componentes, é desafiador, porque somos protagonistas do nosso narrar, dos nossos comportamentos e atitudes, assim, é citado pela autora ao destacar a afinidade com os alunos, principalmente com os alunos do 6º ano como referisse dizendo “E nessa história eles foram os protagonistas” e para destacar esse afeto aponta na **(Figura 19)** uma metodologia ministrada em sala de aula, onde ela viu o que muitos não enxergaram os frutos de uma árvore considerada morta.

Figura 19 – Momento metodológico aplicado no 6º ano



Fonte: Autora, 2019.

De acordo com a autora, eles foram sua maior batalha e a mais valiosa, com eles foi permitido planejar aulas nos quais prendesse a sua atenção, por se tratar de uma turma elétrica e com baixa atenção no que era planejado com o apoio do livro.

Os alunos, não tinham interesse, estavam sempre com conversas paralelas e brincadeiras. Foi pensando no que eles faziam e agiam que a professora “Marcia” começou a avaliar eles diariamente de acordo com a participação em sala. Pensado na aprendizagem começou a elaborar jogos como: caça-palavras, quebra-cabeça, jogo de memória, perguntas e respostas, entre outros. Os alunos deveriam ler capítulos do livro didático escolhidos pela professora na aula anterior e na próxima aula eles brincavam de algum jogo, mas, as perguntas e respostas eram sempre sobre o assunto da aula. Com isso, foi possível proporcionar momentos únicos e de aprendizagem, onde, os/as alunos/as começaram a dar frutos e dentre todos apenas um deles ficou reprovado.

A Escola Municipal São José tem uma estrutura mediana que se pensada nos sujeitos do Campo se tornaria uma ótima opção para representar uma escola pública de modelo do Campo. Além de espaços bem planejados, esses alunos não precisariam sair para a cidade, e por estarem em um espaço geográfico que a deixa no centro das demais comunidades rurais e ter no berço local as salinas artesanais; esses espaços são propícios para aulas interdisciplinares.

Além dos processos educacionais em sala, os alunos participaram de uma aula de campo proporcionada por todos os professores, o objetivo era a observação e o conhecimento sobre a fauna existente na cidade como parte avaliativa, e na sequência se deu a construção da feira de ciências da escola. Durante essa etapa final que é a feira de ciências a autora lamenta não ter estado com eles no início da feira, porque ela estava na universidade realizando a tarefa final do estágio “apresentação do projeto”, mas, destaca que ainda chegou a tempo final de ver a feira na suas últimas horas de exposição.

Os alunos de uma forma geral tinham dificuldade em apresentar trabalhos, porque de acordo com os relatos deles, nunca tinham feito aquilo; outros tinham dificuldades em ler; portanto, para a professora “Márcia” isso não foi levado em consideração, pois, estavam acostumados com atividades realizadas no caderno e no livro.

Assim, para encerrar essas fases entorno dos estágios será percorrido o último estágio dessa formação acadêmica.

8.4- Estágio curricular supervisionado IV- gestão e docência: Escola Estadual Coronel Solon, Grossos/RN

Mas uma fase desses caminhos que a Educação do Campo nos oferece “os estágios” cada momento enriqueceram e fortaleceram a escolha como docente permitiu assim o contato e novos conhecimentos, dessa vez de forma bastante limitada, por não ser possível o contato direto, refiro-me à pandemia, que limitou, mas, também proporcionou a todos outro desafio, a utilização de meios tecnológicos.

Conforme as falas da pesquisadora (autora) as barreiras foram necessárias, esse momento não esperado nos fez adquirir experiências, foi possível sobressair as nossas limitações. Aprendemos que aprender sem contato, não tem o mesmo sabor e impacto.

As aulas foram ministradas com os alunos dos 2º ano A e B, ministrou a disciplina de Geografia que tinha como professor Paulo Reginaldo da Costa que também é funcionário da instituição de ensino Escola Estadual Coronel Solon.

Esse ciclo não tão diferente dos demais, teve sua maior dificuldade encontrada pela autora, que ainda em aula teórica promovida pelo professor do estágio Francisco Souto, ela pensou entre lágrimas desistir porque não tinha mas argumentos para que a diretora da instituição assinasse o documento onde concedia a ela o direito de estagiar.

Durante a sua uma última tentativa, frisou que para ter o seu direito de estagiar, o professor entraria em contato com ela para que assinasse pois o tempo adequado para conclusão dessa disciplina estava encerrando, no dia seguinte ela entra em contato e assina a documentação.

Nesse estágio, não foi possível está nos encontros entre os professores da instituição onde realizou o estágio porque foi limitada no sentido dos (planejamentos), por tanto, não teve um bom resultado como experiência para sua formação de acordo com a autora dessa pesquisa. Por se tratar de um contexto pandêmico, as limitações já eram grandes, mas

Para finalizar esses tópicos onde tem os estágios como objeto dos relatos, a autora sintetiza os momentos na instituição de ensino UFERSA, é dito pela autora que foi realizado além das atividades acadêmicas no campo do estágio as aulas on-line ministrada pelo docente Francisco Souto e como atividade avaliativa proporcionada pelo docente em suas metodologia, ela destaca a construção de um Diário de Campo, que teve duas opções de escrita uma era no caderno e a ou outra era digitalizado, por se tratar de um momento em que a COVID nos restringiam ele deixou a escolha de cada discente, lembrando que no formato caderno o discente teria que locomover da sua cidade e deixá-lo na UFERSA na data descrita por ele e da mesma forma a entrega digitalizada.

Portanto é finalizado aqui mas um ponto importante nessa caminhada da formação acadêmica, onde as memórias educativas nos é permitido diante a narrativa da autora dessa pesquisa e para finalizar esse capítulo será citado o momento vivenciado no Programa Residência Pedagógica nos descritos a seguir.

8.5 Programa Residência Pedagógica¹⁰

“Privilegiar as escritas de si para o estudo das relações que se estabelecem entre a experiência, o processo de formação e de atuação docente nos faz integrar os conceitos de experiências formadoras e de recordações referências” (PASSEGGI, SOUZA, VICENTINI, 2011, p 373)

Durante todo os processos que a autora cita desde seu ingressar na universidade pautados nas suas memórias e experiências, ela narra diversos momentos em que se tornaram contribuições fundamentais para sua vida pessoal e profissional. Dentro dessa sua itinerâncias, destaca uma grande oportunidade que lhe foi permitida, participar do Programa de Residência Pedagógica que foi possível vivenciar nesse período pandêmico que o mundo vivenciou.

Nas possibilidades que foram compridas pelos discentes residentes na Escola Municipal São Romão, que fica localizada na comunidade São Romão nas proximidades da Maisa no Município de Mossoró-RN, desta alguns exemplos como:

- Ser bolsista pela Capes;
- Praticar a formação docente;
- Ter momentos de formações únicas proporcionadas pelo professor orientador do programa em conjunto com outros convidados (professores e autores);
- Conhecer a história de luta e conquistas dos moradores da São Romão;
- Participar de encontros pedagógicos da instituição e da Secretaria de Educação de Mossoró.

Quando é apontado “praticar a formação docente” faço alusões no está em contato com os alunos do nono ano da escola Municipal São Romão. Alunos/as com vivencias distintas, para ela foi uma experiencia única. Única, por ser e está fazendo parte de um

¹⁰ - De acordo com a portaria Nº 38, de 28 de fevereiro de 2018- Art.1º Institui o Programa de Residência Pedagógica_ que tem a finalidade de apoiar Instituições de Ensino Superior na implementação de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica. Paragrafo único. O público-alvo do Programa são os alunos dos cursos de licenciatura ofertados na modalidade presencial ou no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), por Instituições de Ensino Superiores (IES) públicas e privadas sem fins lucrativos.

programa de formação docente, onde permiti que os discentes ainda cursando a sua graduação estejam em contato com os sujeitos/as que faram parte da sua futura profissão.

Foi desafiador ministrar aulas por meio tecnológicos, além de desafiador para si como residente, mas também para cada aluno/a, para alguns o desafio de estudar atravez de notebook, computador ou, na maioria o uso do celular, que além de não ter a mesma intensidade que existia durante as aulas presenciais muitos tinham que dividir o celular com um irmão, onde um assistia aula hoje e outro no dia seguinte, além desses acontecimentos citados, a discente(residente), descreve ainda sobre as elaborações das aulas, de uma forma que os seus alunos/as permanecessem e tivesse interesse.

Dentre tantos momentos vividos, de experiencias e dos novos conhecimentos pessoais e formativa que foram propostos para cada discente durante esse período de pandemia e atuando como residente cada um/uma discente residente conseguiram extrair pontos positivos e negativos que faz parte de qualquer formação.

Para concretizar essa experiencia como orientador de um programa de formação foi apresentado pelo docente (orientador) Emerson Augusto de Medeiros uma proposta da criação de um livro, onde cada capítulo de livro teria cada discente residente autor de seu próprio capítulo, destaca ainda a autora dessa pesquisa que “ele (livro) está sendo organizado pelo professor Emerson Augusto de Medeiros junto com os preceptores de cada escola”.

Essa etapa na vida acadêmica é finaliza com um encontro entre coordenador do curso, orientador do Programa Residência Pedagógica, preceptores e residentes de cada subprojeto. Na **(Figura 20)** a seguir é exposto um registro desse momento de encerramento do Programa Residência Pedagógica.

Figura 20 – Registro do último encontro do Programa Residência Pedagógico



Fonte: Autora, 2022.

Em presença dessas discursões aqui apontada nessa pesquisa finalizo essa narrativa com apontamentos memoriais sobre a Residência Pedagógica. Partindo agora para as considerações finais dessa pesquisa.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou narrar e investigar os fatores que marcaram a trajetória da pesquisadora, além de refletir sobre as mudanças ocorridas durante este percurso. Nesse sentido, as histórias de vida pessoal e suas itinerâncias formativas aqui apresentadas revelaram uma série de aspectos importantes para o desenvolvimento profissional da educadora em formação inicial docente e ao longo do estudo, foi possível observar que esta trajetória foi influenciada por uma série de fatores históricos, culturais, sociais e econômicos, que contribuíram para a sua formação enquanto sujeito educador. A experiência de ser proveniente do campo, por exemplo, foi um dos fatores que esteve atrelado à todas as experiências vividas.

A pesquisa também mostrou que as itinerâncias formativas vivenciadas pela estudante ao longo de sua trajetória foram fundamentais para a sua formação como educadora. As diversas experiências educacionais, profissionais e pessoais vivenciadas pela pesquisadora permitiram que ela desenvolvesse uma visão crítica e reflexiva sobre a realidade social em que está inserida, além de proporcionar a ela um olhar mais atento às demandas e necessidades das comunidades rurais.

Além disso, o estudo destacou a importância do reconhecimento e valorização das histórias de vida pessoal e itinerâncias formativas dos estudantes, especialmente daqueles provenientes de grupos historicamente marginalizados. É fundamental que a formação inicial docente seja capaz de acolher e valorizar essas histórias, a fim de proporcionar uma formação mais inclusiva e equitativa.

Percebe-se que, ao contar sua própria história, este ato contribuiu para a construção de uma reflexão mais profunda sobre a Educação do Campo e sobre a formação de professores para atuar nesse contexto. O relato também demonstrou que a formação inicial docente deve estar pautada em experiências concretas, vivenciadas pelos futuros professores, que permitam uma formação mais ampla e contextualizada.

Outro ponto relevante destacado pela pesquisa é a importância da Educação do Campo como uma área de atuação para professores. O contexto rural apresenta uma série de particularidades e desafios, que exigem dos profissionais uma formação específica e um olhar diferenciado. É necessário que a formação inicial docente contemple essa área de atuação e que os futuros professores estejam preparados para atuar em contextos rurais, valorizando a cultura e as especificidades dessas comunidades.

Por fim, o estudo apresentado contribui para a compreensão da importância das histórias de vida pessoal e itinerâncias formativas na formação inicial docente, especialmente para aqueles que atuam na Educação do Campo. A partir da narrativa da pesquisadora, foi possível refletir sobre a importância da valorização das histórias individuais na construção de uma formação mais inclusiva e contextualizada, bem como sobre a necessidade de uma formação que contemple as dimensões pessoal, social e técnica do educador. A pesquisa aponta, portanto, para a relevância de uma formação docente comprometida com a transformação social e capaz de atuar de forma efetiva em contextos rurais.

REFERÊNCIAS

BATISTA NETO, J.; SANTIAGO, E. A abordagem biográfica, instrumento da pesquisa educacional e da formação docente: contribuições da Escola de Chicago e do Interacionismo Simbólico. **Revista Cocar**, Belém, v.9, n.17, p. 11-26, jan./jun. 2015.

BRAGANÇA, I. F. S. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>. Acesso em: 09 ago. 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

BRASIL. **Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

BRASIL. Portaria Gab nº38, 28 de fevereiro. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2018.

BRETTAS, A. P.; FROTA, M. G. C. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v.5, n.1, p. 29-47, 2012.

BUTANTAN. **Variola dos macacos**. Biblioteca Virtual em Saúde, Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/02-6-variola-dos-macacos/>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CALDART, R. S. Educação do campo. In: CALDART, R. S. et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012

DANTAS, T. R. A. ARAÚJO, A. M. Memorial de Formação: a narração do processo de formação na EJA/Proeja. **Revista Panorâmica** v.33, p.661-673, 2021. Disponível em: [MEMORIAL DE FORMAÇÃO.pdf](#)>. Acesso em: 08 mai. 2023.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação1. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.1, p.333-346, abr. 2011. Disponível em: [v27n1a15 artigo sobre auto biografia\[5335\].pdf](#)>. Acesso em: 08 mai. 2023.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.333-346, abr. 2011. Disponível em: [v27n1a15artigo sobre autobiografia\[5335\].pdf](#)>. Acesso em: 05 ago. 2022.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **O campo da educação do campo**. 2004. 34f. Artigo Científico. Disponível em: <https://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernardoEC5.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

FERNANDES, B. M. **Sobre a tipologia de territórios**. 2005. 21f. Artigo Científico. Disponível em: <<https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/sobre-a-tipologia-de-territorios.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

FERRAROTTI, F. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O Método (Auto) Biográfico e a Formação. Lisboa: Ministério da Saúde, p. 31-59, 1988.

FONSECA, J. J. S. da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, L. M; GHEDIN, E. L. Narrativas de formação: Origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista contemporânea de educação**, v. 10, n. 19, p. 111-131, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1929/>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

G1. **127 anos de morte de Nhá Chica: conheça a história da 1ª negra a ser beatificada pela Igreja Católica em MG**. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/06/14/127-anos-de-morte-de-nha-chica-conheca-a-historia-da-1a-negra-a-ser-beatificada-pela-igreja-catolica-em-mg.ghtml>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

GARAY, C. C. **Conheça as cinco pandemias mais mortais da história da humanidade**. National Geographic, 2022. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/09/conheca-as-cinco-pandemias-mais-mortais-da-historia-da-humanidade>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, A. M. Um defeito de cor. Rio de Janeiro, São Paulo. Editora Record, 2009. Disponível em:< [Ana Maria Goncalves - Um Defeito de Cor\[955\].pdf](#)> Acesso em: 12 de Outubro de 2023

Hooks, B. Tudo sobre o amor: novas perspectivas, tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

LS, Lajeado de Soledade. **Lajeado de Soledade**. Lajeado de Soledade, 2022. Disponível em: <<https://www.lajedodesoledade.org.br/lajedo-de-soledade>>. Acesso em: 08 de maio de 2023.

MEDEIROS, E. A.; AGUIAR, A. L. O. O Método (Auto)biográfico e de Histórias de Vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 27, p. 149-166, 2018.

MENEZES, V. Das vidas vividas às vidas contadas: O método (auto) biográfico na formação docente em Geografia. **Metodologias e Aprendizado**, v. 4, p. 266-273, 2021. Disponível em: <<https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2233>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

MOLINA, M. C. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 55, p. 145-166, jan./mar. 2015.

MORAES, A. A. A. Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. **Pro-posições**, v. 15, n. 2, p. 165-173, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643818>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

NETO, J. B.; SANTIAGO, E. A abordagem biográfica, Instrumento da pesquisa educacional e da formação docente: contribuições da escola de Chicago e do interacionismo simbólico. **Revista Cocar**, Belém, v. 9, n.17, p. 11-26, jan./jul. 2015.

NÓVOA, A. Prefácio. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de Professores**. 2.ed. Porto: Porto Editora, p. 7-9, 1995.

NUNES, E. M. et al. O Índice de Condições de Vida (ICV) em Territórios Rurais do Nordeste: evidências para os territórios Açu-Mossoró e Sertão do Apodi, no Rio Grande do Norte. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 58, n.1, p.1-24, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/resr/a/58krRkrXBvXqWbX8XNmMHsg/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Auto)biografia: formação. Territórios e saberes. Natal: Ed da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, M. C. SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. **Entre a vida e a Formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.369-386, 2011. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/>>. Acesso em: 03 ago. 2022.

PENEFF, J. **La méthode biographique**. Paris: Armand Colin, 1990.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

PONCIANO, N. P.; LIMA, A. J. S. Pesquisa-formação e narrativa de si: agentividade e suas dinâmicas figuracionais no sentir-se professor de língua portuguesa. **Revista Praxis Educacional**, v. 17, n. 44, p. 219-241, 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8024>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

PORTUGAL, J. F. Tornar-se professora de geografia: narrativas, memórias e histórias de vida formação e aprendizagens na/da/sobre a docência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, 05-26, jan./jun., 2019

PRADO, G. V. T.; SOLIGO R. Memorial de formação - Quando as memórias narram a história de formação. In: PRADO, G. V. T.; SOLIGO R. (Org.). **Porque escrever é fazer história – revelações subversões-superações**. 2ª ed. Campinas: Alínea, 2007, v. 1, p. 45-60.

REIS, P. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **NUANCES: estudos sobre Educação**, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/705>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RODRIGUES, F. A.; MOGARRO, M. J.. Imagens de identidade profissional de futuros professores. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/JbXngJCFXBxz8Th8TrLhVvR/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RODRIGUES, H. C. C.; BONFIM, H. C. C. A educação do campo e seus aspectos legais. In: XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE, IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO-SIRSSE E O VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE (SIPD/CÁTEDRA UNESCO). 2017. p. 1373-1387.

RODRIGUES, L. M.; SILVA, M. N. S.; DINIZ, R. F. Artesanato Mineiro: Limites e possibilidades da atividade artesã no município histórico de Prados/MG. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.4, n.11, p. 62-85, out. 2012. Disponível em: <<http://www.observatorium.ig.ufu.br/html/pdfs/4edicao/n11/05.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

ROZEK, M. A narrativa e a formação de professores. **Indagatio Didactica**, vol. 5, n.2, p. 1-14, outubro 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8784/2/A_narrativa_e_a_formacao_de_professores.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SANTOS, M. A. **A licenciatura em educação do campo**: dimensões teóricas e práticas. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2018. 220 p

SANTOS, M. A. O Projeto Pedagógico Do Curso De Licenciatura Em Educação Do Campo - Ciências Agrárias (CFP/UFRB):: dimensões teóricas e perspectivas práticas. 2017. 200 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Ufrb), Amargosa-Ba, 2017.

SANTOS, Y. A. B.; TORGA, V. L. Menezes. **Autobiografia e (res)significação**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/tFSNZ7QR8GHkfNwdS7HLJhk/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2004.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SOUSA, N. S. Tornar-se negro: as virtudes da identidade em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, v.4, 1983. Disponível em < [file:///E:/FT/Neusa Santos Souza - Tornar-se Negro%20\(1\).pdf](file:///E:/FT/Neusa Santos Souza - Tornar-se Negro%20(1).pdf) >. Acesso em : 11 de Outubro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO-UFERSA. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo. Disponível em: <<https://ledoc.ufersa.edu.br/projeto-pedagogico-do-curso-2019/>>. Acesso em 13 de Out. 2023

WIERCINSKI, G. Pesquisa Auto-Biográfica: Uma introdução metodológica. In: **XIX Jornada de Pesquisa**, Salão do Conhecimento, p.1-6, 2014. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/3474>>. Acesso em: 25 jan. 2023.